ÍNDIO SABIDO SIM

WISE INDIAN INDEED

Julia Pascali

ÍNDIO SABIDO SIM

WISE INDIAN INDEED

PUC GOIÁS

Grão Chanceler
Dom Washington Cruz, Cp

Reitor
Prof. Wolmir Therezio Amado

Editora da PUC Goiás

Pró-Reitora da Prope e Presidente do Conselho Editorial
Profa. Dra. Sandra de Faria

Coordenadora Geral da Editora da PUC Goiás
Profa. Nair Maria Di Oliveira

Conselho Editorial
Aidenor Aires Pereira - Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás
Edival Lourenço - União Brasileira de Escritores
Getúlio Targino - Presidente da Academia Goiana de Letras
Heloísa Helena de Campos Borges - Presidente da Academia Feminina de Letras
Profa. Heloísa Selma Fernandes Capel - Universidade Federal de Goiás
Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profa. Dra. Márcia de Alencar Santana - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Maria Luísa Ribeiro - Presidente da Academia Goianiense de Letras
Profa. Nair Maria Di Oliveira - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profa. Dra. Regina Lúcia de Araújo - Pesquisadora
Prof. Ms. Roberto Malheiros - Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Editora da PUC GOIÁS

Goiânia, 2013

© by 2013, Julia Pascali

Editora da PUC Goiás
Rua Colônia, Qd. 240C, Lt. 26-29, Chácara C2, Jardim Novo Mundo
CEP. 74.713-200 - Goiânia - Goiás - Brasil
Secretaria e Fax (62) 3946-1814, Revistas (62) 3946-1815
Coordenação (62) 3946-1816, Livraria (62) 3946-1080
www.pucgoias.edu.br/editora

Comissão Técnica

Biblioteca Central da PUC Goiás
Normalização

Sandra Romão
Revisão

Tradução
Shylton Dias

Editoração Eletrônica

Arte Final de Capa

Capa

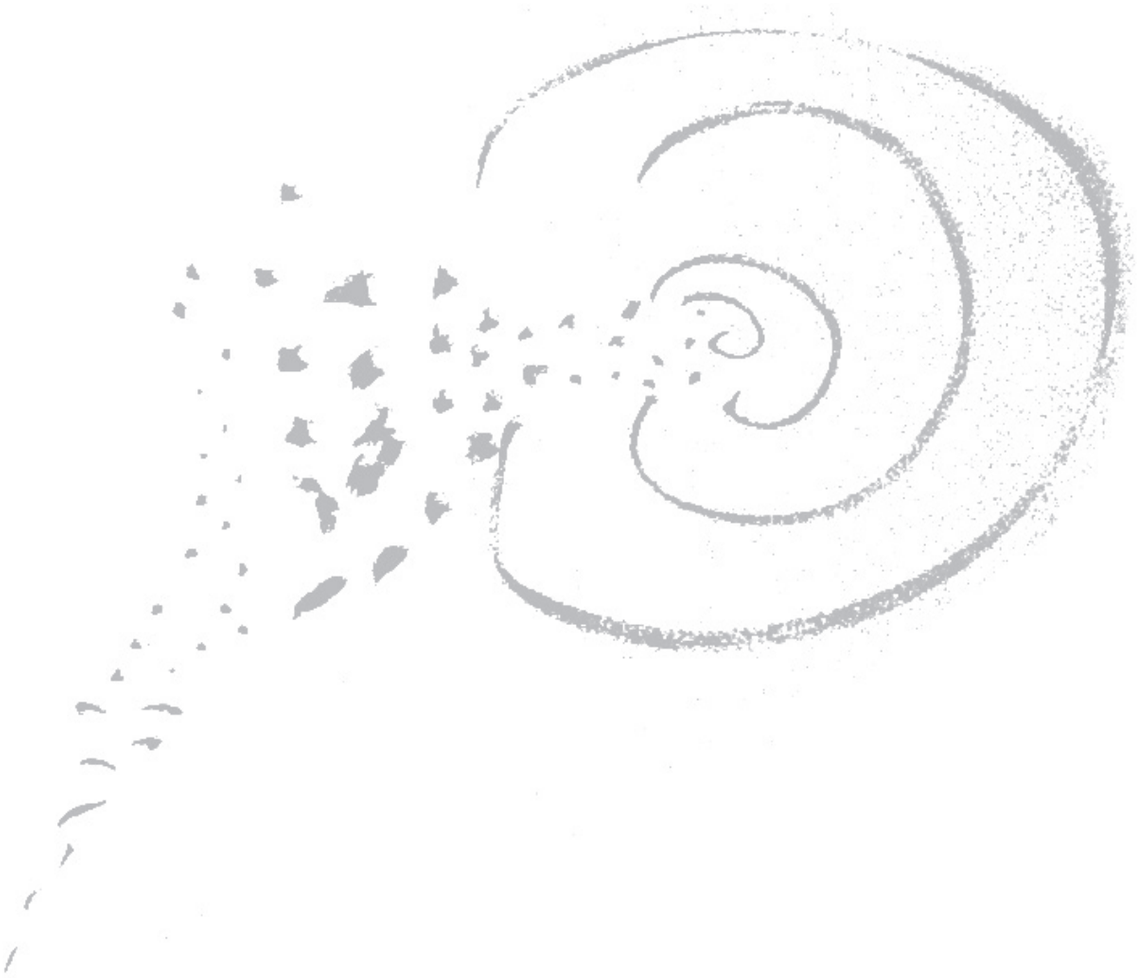
Desenhos: Por Julia Pascali e as crianças Nambiquara Marcelo, Rosinha, Shela, Reolinda, Helena, Odair, Ademir e Regina (criados entre 1984 e 1989, em encontros coletivos na aldeia, coordenados por Anna Maria Costa e Julia Pascali).

...
– Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.
...: 19x28 cm il.:

ISBN 978-85-7103-

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microfilmagem, gravação ou outro, sem escrita permissão do editor. Direitos de publicação reservados a: Julia Pascali. Sanções previstas na Lei n. 5.988, de 14.12.1973, artigos 122-130.

Impresso no Brasil



Este livro é inteiramente dedicado
aos cantos de minha mãe e
aos meus amigos Nambiquara,
cuja sabedoria tem me ensinado
a viver a vida e a gostar dela
a cada momento.

This book is entirely dedicated
to my mother's songs and
to my Nambikwara friends,
whose wisdom has been teaching me
to live and enjoy life
each moment.

A autora agradece a colaboração de:
Dominique Gallois (assessoria antropológica)
Rinaldo Arruda (assessoria antropológica)
Silbene Almeida (in memoriam)
Domingos Pascali
Anna Maria R. F. M. da Costa
José Eduardo F. M. da Costa
Vincent Carelli
Ernani de Vilhena
Alexandre Huzac
Paulo Pascali (pai e Junior)
Hélio Amaral
Ricardo Tadeu da Fonseca

The author thanks the collaboration of:
Dominique Gallois (anthropological advisory)
Rinaldo Arruda (anthropological advisory)
Silbene Almeida (in memoriam)
Domingos Pascali
Anna Maria R. F. M. da Costa
José Eduardo F. M. da Costa
Vincent Carelli
Ernani de Vilhena
Alexandre Huzac
Paulo Pascali (father and Junior)
Hélio Amaral
Ricardo Tadeu da Fonseca

SUMÁRIO

PREFÁCIO 10

UM POUQUINHO DA HISTÓRIA DOS NAMBIQUARA 07

ABERTURA 08

LIVRO I – APRENDIZ DE NAMBIQUARA 09

VIDA NAMBIQUARA 10

PAPAI-GRANDE E JULIA 12

WANINTESU 16

O APARECIMENTO DA ESCURIDÃO 19

TATU-GALINHA MULHER 21

O MARIDO DAS ESTRELAS 23

E ASSIM 26

LIVRO II – LIÇÕES NAMBIQUARA 27

A MULHER VELHA 28

GENTE QUE MORRE 29

IRMÃOS DONOS DOS BICHOS 30

TATU-LISO E TATU-CASCUDO 31

MUTUM E SIRIEMA 32

LAGARTIXA E PERDIZ 33

A SUCURI E A ANTA 34

JACARÉ E LAGARTIXA 35

CABEÇA DE CURURU 36

A PERERECA E O BICHO 37

DUAS MULHERES E A ASSOMBRAÇÃO 39

WALULU 41

O DONO DO BARRIGUDO 44

PASSOS DE APRENDIZ 45

UM CANTO NAMBIQUARA 46

OBRAS CONSULTADAS 48

PREFACE

Reader,

You have in your hands a very special book, prepared by a very special person. Julia Pascali, author of Wise Indian Indeed, is a Professor and Doctor in Drama at the Federal University of Goiás and, therefore, she has academic qualifications. She takes part in master's and doctorate programs, writes articles and books, especially on the field of Arts. But she is also a world-class actress (she acted and studied in France, United States and Japan, where she specialized in Butoh), director, producer of texts, performances, videos etc. But besides a scholar, Julia is wise, meaning that wisdom acquired through experience: she is a supporter of the holistic attitude, of the man/nature/spirit/society synchronicity. Her writings, performances, pronouncements, drawings and paintings (because she is also a plastic artist) always try to translate the ineffable beauty and harmony that surround us. Being a spontaneous, careful and generous person, Julia lives for the tranquility and peace/union of all in every sense.

This book of hers, Wise Indian Indeed, is precious: it is a book about Nambikwara stories, an indigenous nation from the Guaporé Valley, for whom living and surviving in the midst of the white culture has been, as she says, the great "test of this wise, happy, simple and pilgrim people".

It is an objective book, written in a semi poetized and well paced language, providing a pleasant and effective reading. Its stories are promulgated in different sorts of narrative: the semi bibliographic, regarding the author's experience in the indigenous village and with her city friends; the narratives heard from an Indian's report, daddy Lídio, retold by the narrator; and other narratives about the origin or foundation of these indigenous people, coming from time immemorial, from collective reports.

The first narratives, the semi bibliographic ones, compose Book I and are revived by friendly voices in a prosaic dialogue – narrative pretext – and in talks with the reader, for whom the author presents some information about the Nambikwara nation (ways of living, of getting along and narrating) and some advices, calling to mind the figure of the wise narrator of the oral traditions.

The texts of the Book I are semi poetized, drawn up through a colloquial language and simple but tender descriptions, like: "We arrived to a little maloca, a little house, very low and round, built from thin pieces of wood and covered with dry palm leaves" – where the proper adjectives, non-metaphorical, are surrounded by diminutives, and where the use of "thin pieces of wood" and "dry palm leaves",

PREFÁCIO

Leitor(a),

Você tem em mãos um livro especial, elaborado por uma pessoa também muito especial. Julia Pascali, autora deste Índio sabido sim, é professora/doutora de Teatro na Universidade Federal de Goiás e, portanto, tem formação acadêmica. Participa de mestrados e doutorados, escreve artigos e livros, especialmente na área de Artes. Mas é também atriz de nível internacional (contracenou e estudou na França, Estados Unidos, Japão, onde se especializou em Butoh), encenadora, produtora de textos, de performances, vídeos etc. Mas além de acadêmica, Julia ainda é sábia, no sentido daquela sabedoria adquirida pela experiência: é adepta da atitude holística, da sincronicidade homem/natureza/espírito/sociedade. Seus escritos, atuações, pronunciamentos, desenhos e pinturas (porque também é artista plástica) procuram traduzir sempre a beleza inefável e a harmonia que nos circundam. Pessoa espontânea, delicada e generosa, vive pela tranquilidade e pela paz/união de todos em todos os sentidos.

Este seu livro, Índio sabido sim, é precioso: é um livro sobre histórias Nambiquaras, nação indígena do Vale do Guaporé, para quem viver e sobreviver em meio à cultura branca tem sido, como ela diz, a grande "prova dessa gente sábia, alegre, simples e peregrina".

É um livro objetivo e escrito em linguagem semipoetizada, bem ritmada e com leitura aprazível, de efeito.

Suas histórias se promulgam em várias espécies de narrativas: as semibiográficas, que remetem à experiência da autora na aldeia indígena e com os amigos da cidade; as narrativas ouvidas do relato de um índio, pai Lídio, recontadas pela narradora; e outras narrativas de origem ou fundação desse povo indígena, procedentes de tempos imemoriais, de relatos coletivos.

As primeiras, as semibiográficas, compõem o Livro I e são avivadas pelas vozes de amigos em diálogo prosaico – pretexto narrativo – e em conversas com o leitor, para quem a autora espalha algumas informações sobre a nação Nambiquara (modos de viver, de conviver e de narrar) e alguns conselhos, relembrando a figura sábia do narrador das tradições orais.

Os textos desse Livro I são semipoetizados, elaborados através de uma linguagem coloquial e de descrições singelas, mas ternas, como: "Fomos chegando numa pequena maloca bem baixinha, uma casinha redonda feita de paus finos e coberta com folhas de palmeiras" – em que os adjetivos apropriados, desmetaforizados, se circundam de diminutivos, e em que a escolha de "paus finos" e "folhas de palmeiras", ambos termos de cujo significado faz parte o seu

both expressions whose meaning are related with their rectilinear aspect, contrast with the "round" of the "very low" maloca, showing the building delicacy and also the delicate impression that it gives.

Interferences in the narrative time of these semi biographic stories turn the texts in these parts complex. They are little stories fit inside bigger stories, like the one about the "harmonious meeting" of the two women – the narrator and Julia, the Indian – when the former receives the armbands from the latter, told to us, readers, inside the bigger story about the visit to Big Daddy's house; of the same sort are the times of narrative in the present tense, shared in a circle of friends (whose finality is to justify the written text) and the stories of a past time that are told to us in this friendly circle.

Inside these stories, we hear dad Lídio's narrative voice, the Indian friend, telling his own experiences, ways of getting along with and loving nature.

On the other hand the stories from Book II have another perspective: extremely objective and attentive to the story it is being narrated, they describe little and are told, all the time, by short sentences, coordinated with the full text and not with the paragraphs, without caring about their endings or reaching a climax. They reveal an anonymous indigenous voice, naked, unworried about coherence. They are substantive narratives, not adjectival ones, that is to say, a sort of collective voice talking about essential, substantive and collective myths of the Nambikwara nation. As explanations about the world, these myths reveal the origin of artifacts, of natural life diversity, of the differences between the voices and songs in the woods, the origin of the animals, trees, the nature biophysics, in short. They are old stories whose endings were lost and whose core keeps the essential part of these peoples' foundation myths.

But there are more: from these stories captured in the orality come illustrations – the ones made by the author and by little Indians, Nambikwara children and young ones, gathered between 1984 and 1986: Marcelo, Rosinha, Jair, Joel, Ari, Reolinda, Helena, Odair, Ademir e Regina.

The indigenous drawings speak by themselves. They are (as every children drawing) simple, but detailed, descriptive. Some are extremely naturalist, like the one representing the jaguar, for example; others, yet naturalist, are more complex, inducing to a relative perspective, like the one representing the fish; others hold more than one point of view, like the one representing the tree frog, whose paws are seen from above and whose face (looking like a fish face) is seen in profile. These drawings illustrate and complement the stories.

The author's illustrations are abstract stylizations and induce, above all, to movement, to freedom and fluidity, due to nuances of gray, black and white and its gradations. They remind us of the oriental features, specially the Japanese ones, made by a paintbrush in the paper on a continuous stroke. They comment the narratives and the

aspecto retilíneo, contrastam com o "redondo" da maloca "baixinha", demonstrando a delicadeza da construção da moradia e da impressão também delicada que esta passa.

Algumas interferências no tempo narrativo dessas histórias semibiográficas complexificam o texto dessa parte. São pequenas historietas encaixadas em outras histórias maiores, como a do "encontro harmonioso" entre as duas mulheres – a narradora e Julia, a índia -, quando aquela ganha as pulseiras desta, contada a nós, leitores, dentro da história maior da ida à casa de Papai-Grande ; da mesma sorte se configuram os tempos de uma narrativa no tempo presente, compartilhada em roda de amigos (e que tem por finalidade justificar o texto escrito) e as histórias de um tempo passado que nos são contadas nessa roda.

Dentro dessas histórias, ouve-se a voz narrativa de pai Lídio, o índio amigo, contando vivências próprias, modos de relacionar-se com a natureza, modos de amar a natureza.

Já as histórias do Livro II têm outra perspectiva: extremamente objetivas e atentas à história que narram, descrevem muito pouco e se dizem, todo o tempo, por frases curtas, coordenadas no texto integral e não nos períodos, sem se importarem com o seu final ou com atingir um ponto clímax. Revelam uma voz indígena anônima, nua, despreocupada com a coerência. São narrativas substantivas, não adjetivas, isto é, uma espécie de voz coletiva que fala dos mitos essenciais e substantivos, coletivos, da nação Nambiquara. Como formas de explicação de mundo, esses mitos revelam origens de artefatos, da diversidade da vida natural, das diferenças das vozes e cantos da mata, dos bichos, das árvores, a biofísica da natureza, enfim. Histórias antigas cujos finais se perderam e que mantêm no seu miolo o essencial dos mitos de fundação de um povo e seu entorno.

Mas há mais: dessas histórias presas na oralidade, há as ilustrações – as da autora e as dos pequenos índios, crianças e jovens Nambiquara, recolhidos entre 1984 e 1986: Marcelo, Rosinha, Jair, Joel, Ari, Reolinda, Helena, Odair, Ademir e Regina.

Os desenhos indígenas falam por si. São (como todo desenho de criança) simplificados, mas detalhados, descritivos. Alguns são extremamente naturalistas, como o da onça, por exemplo; outros, ainda naturalistas, são mais complexos, induzindo a uma relativa perspectiva, como o do peixe; outros mantêm mais de um ponto de vista, como o da perereca, cujas patas são vistas de cima e a face (semelhante à de um peixe) é vista de perfil. Ilustram as histórias e complementa-nas.

As ilustrações da autora são estilizações abstratas e induzem sobretudo ao movimento, à liberdade e à fluidez, devido às nuances das cores cinza, preta e branca, seus tons e meio tons. Lembram os traços orientais, sobretudo os japoneses, feitos a pincel sobre papel na forma de traço contínuo. Comentam as narrativas e a delicadeza de

delicacy of the author's semi poetized writing, as we have already said, but also the delicacy of the objective speech of the indigenous narratives and the integrated universe of the Nambikwara nation. They are absolute commentaries about what is shown (advising) of the natural world, free and distant from the crazy and suffocating world of the great cities urban life: a more Zen philosophy, more spiritualized and in communion with nature, especially with the air and water, due to what their movement represent.

At last, the book has yet other dimensions, especially academic ones. Some of them are: the didactical, due to the values it promotes (the defense of the natural, spontaneous and spiritualized life); the anthropological, gathering foundation myths and symbols of indigenous peoples; the historical, due to the written record of the native narrative and of the indigenous vocabulary that can be lost in the orality; the hedonist, due to the objective and poetic narrative style; and many others.

That means this is a book useful to different purposes: classroom, storytelling, theater (the book itself is almost a little play that could be used in a public reading or as a recital, especially if accompanied by music), performances, etc, besides research, because, as a record of the peoples' stories, it will allow works about habits (uses and customs, indigenous ways of doing things), representations, myth interpretations, crossing of imaginaries about a universe that is distant and close to us all, which is the indigenous universe.

This is our presentation of the book. As we said, a precious book that also has an audio book edition and this English version.

Read it carefully, reader, because Wise Indian Indeed.

Albertina Vicentini
04.04.2013

sua escrita semipoetizada, como já dissemos, mas também a delicadeza da fala objetiva das narrações indígenas e o universo integrado da nação Nambiquara. São comentários absolutos do que expõe (aconselhando) sobre o mundo natural, livre e distante do mundo corrido e sufocante da vida urbana das grandes cidades: uma filosofia mais zen, mais espiritualizada e em comunhão com a natureza, especialmente o ar e a água, pelo movimento que expõem.

Por último, ainda o livro tem outras dimensões, especialmente acadêmicas. São algumas delas: a didática, pelos valores que promove (a defesa da vida natural, espontânea e espiritualizada); a antropológica, na recolha dos mitos e símbolos fundadores de povos indígenas; a histórica, pelo registro escrito de narrativas nativas e vocábulos indígenas que podem se perder na oralidade; a hedonista, pelo estilo de narrar de maneira objetiva, mas poética; e outras mais.

Isso significa que é um livro que se prestará a várias finalidades: sala de aula, contação de histórias, teatro (o livro em si é quase uma pequena peça que se prestaria a uma leitura pública ou a um recital, especialmente se for acompanhada de música), performances etc., além da pesquisa, porque, enquanto registro de histórias de um povo, permitirá trabalhos sobre práticas (usos e costumes, modos de fazer indígenas), representações, interpretações de mitos, cruzamentos de imaginários etc. de um universo distante e próximo de todos nós, que é o universo indígena.

Essa a nossa apresentação do livro. Como dissemos, um livro precioso, que vai contar também com uma edição em audiolivro e uma tradução para o inglês.

Leia-o com gosto e atenção, leitor, porque Índio sabido sim.

Albertina Vicentini
04.04.2013

A LITTLE ABOUT NAMBIKWARA'S HISTORY

Since the 18th century the Nambikwara Brazilian indigenous people have been forced to fight the outsiders' presence and their disastrous interventions in the lands where the Nambikwara inhabit, around the attractive Guaporé Valley, in the western state of Mato Grosso and in the southern state of Rondônia (visit "Povos Indígenas", on the Socio-Environmental Institute webpage – ISA. www.socioambiental.org).

The implementation of the telegraph line by Marechal Rondon's team, the construction of the highway between Cuiabá and Porto Velho, the invasion by rubber barons attacked by the "rubber fever", two inhumane resettlements that brought them hunger and the name "Brazilian Biafra", the close presence of farmers, the exposure to poisons from agrotoxics and the illegal logging are obstacles which have put these wise, happy, simple and pilgrim people to the test.

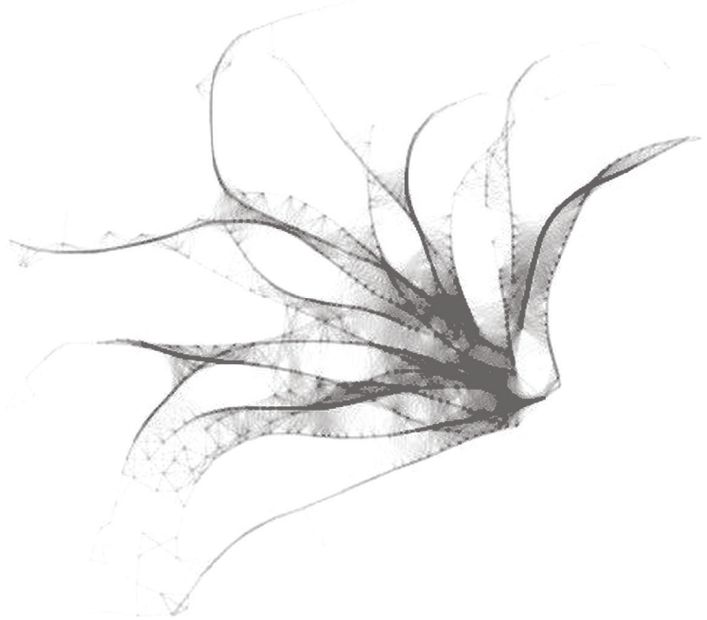
Their population has decreased dramatically from more than 10,000, in the early 20th century, to 1,950, in 2010, according to data from the National Health Foundation (FUNASA). The Nambikwara belong to a unique linguistic group, they are subdivided into 13 groups and they have the habit of sleeping on sand and ashes. They are semi-nomads and rely on hunting and fish for food, as well as cassava, wild fruit and some insects.

UM POUQUINHO DA HISTÓRIA DOS NAMBIQUARA

Desde o século XVIII, os Nambiquara têm sido obrigados a combater a presença de estranhos e suas invenções desastrosas nas terras onde habitam, ao redor do atraente Vale do Guaporé, a oeste do Mato Grosso e sul de Rondônia (visite "Povos Indígenas", na página do Instituto Socioambiental – ISA. www.socioambiental.org).

A implantação da linha telegráfica pela equipe do Marechal Rondon, a construção da rodovia entre Cuiabá e Porto Velho, a invasão dos seringalistas atacados pela "febre da borracha", duas transferências de área desumanas que lhes trouxeram a fome e o nome de "Biafra Brasileira", a presença compacta de fazendeiros, a exposição a venenos provenientes de agrotóxicos e a retirada ilegal de madeira são obstáculos que têm posto à prova essa gente sábia, alegre, simples e peregrina.

Sua população baixou de mais de 10.000, no início do século XX, para 1.950, em 2010, segundo dados da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). Eles pertencem a um grupo linguístico único, se subdividem em 13 grupos e têm o hábito de dormir sobre areia e cinzas. São seminômades e se alimentam de caça, pesca, da mandioca, frutos silvestres e alguns insetos.



OPENING

For years now I have been carrying a lot of tales about and from the Nambikwara Indians. And I always showed them around, telling them to one and another, trying to make urban souls aware of the wisdom these tales could awake in us, opening our spirit to learn, respect and get along with what is different.

So, I - who always worked telling stories through theater, dancing, cinema and radio - became a storyteller, from a school of oral tradition.

This way, gathering knowledge and sayings, notes, memories and inventions, I got here with this record allocated in two parts.
In the Book I, I am a teller and learner of the Nambikwara tales.
In the Book II, I become a messenger of the tales I heard, finding a Nambikwara manner with the Portuguese language. More than mistakes, actually, the speech, the oral expression reveals features of the Nambikwara culture, its values and lively storytelling manner. These mistakes make us penetrate into another way of seeing life, of perceiving time, ourselves and belongings.

And as who tells a tale adds a tail, I ask for the blessing of my poet godfather Manoel de Barros and permission to make our Nambikwara friends' tales jump from my stories.

ABERTURA

Já faz alguns anos que carrego um montão de histórias sobre e dos índios Nambiquara. E sempre fui mostrando por aí, contando para um e para outro, tentando sensibilizar as almas urbanas para a sabedoria que estas histórias poderiam despertar em nós, abrindo nosso espírito para aprender, respeitar e conviver com o que é diferente.

Assim, eu, que sempre trabalhei contando histórias através do teatro, da dança, do cinema e do rádio, virei contadora de histórias, com escola na tradição oral.

Dessa maneira, reunindo saberes e dizeres, anotações, lembranças e invenções cheguei aqui com este registro distribuído em duas partes.
No Livro I, sou contadora e aprendiz das histórias Nambiquara.
No Livro II, viro mensageira das histórias que escutei, encontrando um jeito Nambiquara com a língua portuguesa. Mais do que erros, na verdade, a fala, a expressão oral revela traços da cultura do povo Nambiquara, valores e a maneira viva de contar histórias. Estes erros nos fazem penetrar num outro modo de olhar a vida, de perceber o tempo, nós e os pertences.

E como quem conta um conto sempre aumenta um ponto, peço a benção do meu poeta-padrinho Manoel de Barros e licença para fazer saltar da minha história as histórias dos amigos Nambiquara.

LIVRO I
APRENDIZ DE NAMBIQUARA

BOOK I
NAMBIKWARA'S APPRENTICE

Nambikwara life

My friends here from the city are always curious about how I met the Nambikwara and what their tales are like.

I met the Nambikwara, for the first time, in 1985. I arrived in a small village far away from the city and the road, where I met a great friend, almost a father, the Nambikwara Lídio.

He wears ornaments made of taquara and a feather on the upper lip and the nasal septum that are pierced in a ritual, in which men develop courage and resistance to pain. I witnessed this ritual during the shooting of Vincent Carelli's video "A Festa da Moça" (visit "Vídeo das Aldeias" - http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=6).

Very sweet and smiling, Lídio asked me:
"What do you do in town?".

Without reflecting much, my answer came almost abruptly:
"I tell stories to my people".

How would I explain what theater, for instance, or novel, or tale, or poetry is? Indigenous people tell their stories through oral tradition. That is, they do not have books or computers for letters and images saving.
So, they keep conveying teachings by telling and retelling how things happened in the beginning, once, as they like to repeat. And, sometimes, we find one or more versions of the same story because each storyteller adds his/her own way of living, feeling, telling and believing in what he/she tells.

That is how our friendship began. Every evening, Lídio would gather his people and tell them stories of the Nambikwara people. And I would tell and sing stories from here. We talked on our own way, half by gestures, half in Portuguese, because I could understand Nambiquaran just a little.

Some stories daddy Lídio and his people told me I could capture; and half on my own way, half on Nambikwara way, I will tell them to you.

vida Nambiquara

Meus amigos aqui da cidade estão sempre curiosos em saber como eu conheci os Nambiquara e como são suas histórias.

Encontrei os Nambiquara, pela primeira vez, em 1985. Cheguei numa pequena aldeia bastante distante da cidade e da estrada, onde encontrei um grande amigo e quase-pai, o Nambiquara Lídio.

Ele usava enfeites de taquara e pena no beiço superior e no septo nasal que são furados num ritual, no qual os homens desenvolvem a coragem e a resistência à dor. Presenciei este ritual durante as filmagens do vídeo "A Festa da Moça", de Vincent Carelli (visite "Vídeo das Aldeias" - http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=6).

Muito carinhoso e sorridente, Lídio me perguntou:
– O que você faz na cidade?

Sem ter tempo de refletir muito, minha resposta saiu quase abrupta:
– Conto histórias para o meu povo.

Como é que eu podia explicar o que é teatro, por exemplo, ou romance, ou conto, ou poesia? Os povos indígenas contam a sua história através da tradição oral. Ou seja, não têm livro ou computador para guardar letras ou imagens. Assim, eles vão transmitindo os ensinamentos através do contar e recontar as coisas como aconteceram no princípio, antigamente, como gostam de repetir. E, às vezes, encontramos uma ou mais versões da mesma história porque cada contador acrescenta o seu próprio jeito de viver, de sentir, de contar e de acreditar no que conta.

Assim se iniciou nossa amizade. Todos os fins de tarde, Lídio reunia sua gente e ficava me contando histórias do povo Nambiquara. E eu contava e cantava as histórias daqui. Conversávamos a nosso modo, meio por gestos, meio em português, porque, Nambiquara mesmo, eu entendia pouco do idioma.

Algumas histórias que me foram contadas pelo papai Lídio e sua gente eu pude captar; e meio a meu jeito, meio do jeito Nambiquara, vou contar para vocês.

Big Daddy and Julia

"Locust sometimes appears in swarms, groups. On occasions such as those, we do not go hungry.
– And did you eat armadillo?
– Nine-banded armadillo, the one that has marks like rings all over its body. I ate indeed. And it harmed me. But the ants roasted in the pan made no harm to me.

– And did you eat snake too?
– No. Snake, I raised one, as a pet. She was a very gracious boa, she strolled through the yard and the house and ate rats and chicks, but only one each fortnight. I raised a coati cub, a sloth cub and I became friends with a capuchin monkey.
– And where did you sleep? On the floor too, like them?
– No, I hung a hammock next to the bonfire and kept the fire alight all night so that I did not feel much cold. And I had to escape the dogs when I wanted to pee at night."

And so it was every time I met my friends. A lot of questions. An endless curiosity about my visits to the villages in the Amazon.

"– And were you not in any danger? And could you get along with them?
– Well, danger, we are in danger just by being alive, is it not? Some people are not well received in the villages. I believe their gaze denounces bad intentions. I always got along with all friends I met on these roads."

Papai-grande e Julia

"Gafanhoto, às vezes, aparece em nuvens, em bandos. Nestas ocasiões fome a gente não passa, não.
– E você comeu tatu?
– Tatu-galinha, um que tem umas marcas como anéis por todo o corpo. Comi sim. E me fez muito mal. Mas as formigas que eu comi assadas na panela não me fizeram mal nenhum.

– E você comeu cobra também?
– Não. Cobra, eu criei uma, de estimação. Era uma jiboia muito graciosa, passeava pelo quintal e pela casa, comia ratos e pintinhos. Mas só um a cada quinze dias. Criei também um filhote de coati, outro de preguiça e fiquei muito amiga de uma macaco-prego.
– E dormia onde? No chão também, como eles?
– Não, eu armava uma rede do lado da fogueira e ia mantendo aceso o fogo durante a noite para não passar muito frio. E tinha de escapar dos cachorros quando queria fazer xixi de noite."

E assim era toda vez que eu encontrava um amigo. Um batalhão de perguntas. Uma curiosidade sem fim sobre minhas visitas às aldeias da Amazônia.

"– E você não correu nenhum perigo? Você conseguia se entender com eles?
– Bem, perigo, basta a gente estar vivo que corre, não é? Algumas pessoas não são muito bem recebidas nas aldeias. Creio que o olhar delas denuncia más intenções. Eu sempre me entendi muito bem com todos os amigos que encontrei por estes caminhos."

Once, I wanted to visit a couple who lived far away from the village, about six kilometers. I asked some of their relatives to take me there. Everybody was amazed, saying that Big Daddy, the husband, was very angry those times and that a stranger, who had had the courage to go there, ran off because of a shot fired.

But I insisted to go there, trusting my deep friendship with Julia, his wife.

Nambikwara people live there in the western state of Mato Grosso, very close to Bolivia, in the Guaporé River Valley, in the Juruema River basins and in the North Sierra, split into small groups. The villages, during the drought period, are empty. It is so because they move a lot, they are semi-nomads, looking for insects, fruit and game to feed.

Two teenagers, a girl and a boy, decided to take me there. They were not in danger, but me…

In the middle of the way, I started to feel hungry and immediately images of delicious roasted sweet potatoes came to my mind. My imagination brought to life the flavor, heat and perfume of this tuber so precious in the village times of deprivation. But I kept walking…

When we walk in the field, woods or in the Cerrado, we should be alert to protect ourselves from dangers and fears. Yes, we must not be afraid, but alert, what is something quite different. When we are alert, in communication with the whole universe, with every instinct, giving importance to the surrounding beings, plants, rivers, clouds, animals, wind, we receive precious and needed information for our survival. Our intuition gets very sharp and protects us from danger. But if you get distracted with useless thoughts, afraid, anxious or inattentive, off you'll go on stumbling. And paying attention to the little trips is fundamental: a trip here will avoid a great stumble ahead. Thus, if you, by any chance, stumble while bushwalking, stay alert… It is time to put aside the fantasies from your head and pay attention to the green in the woods, the thorns in the bushes and the stone in the floor.

Yes, it was what happened to me. I began to worry about the hunger: "How am I going to handle myself to find some food in the middle of the woods?". I became anxious, pow! I stumbled. I hurt my ankle a little bit, but the warning was useful. Calmer, I continued the hike, breathing deeply, deviating from holes, thorns and stones… attentive to the warning of a potential danger, a snake or even a jaguar, who knows?

Uma vez eu queria muito visitar um casal que estava morando bem longe da aldeia, uns seis quilômetros. Pedi a alguns parentes deles para me levarem até lá. Todo mundo se espantou, dizendo que Papai-Grande, o marido, estava muito bravo naqueles tempos e que um estranho que tinha tido coragem de ir até lá saiu corrido com um tiro.

Eu, confiante na minha amizade profunda com Julia, sua mulher, insisti em ir até o lugar.

A gente Nambiquara mora lá no oeste do Mato Grosso, bem pertinho da Bolívia, no Vale do Rio Guaporé, na Bacia do Rio Juruena e na Serra do Norte, separados por grupos pequenos. As aldeias, durante o período da seca, ficam vazias. É que eles mudam muito de lugar, são seminômades, procurando insetos, frutos e caça para se alimentar.

Dois adolescentes, uma menina e um menino, resolveram me levar. Eles não corriam perigo, mas eu...

No meio do caminho, comecei a sentir fome e imediatamente surgiram imagens em minha mente de uma deliciosa batata-doce rosa assada. Minha imaginação trazia o sabor, o calor e o perfume deste tão precioso tubérculo em tempos de carestia na aldeia. Mas continuei andando...

Quando andamos assim no campo, na mata ou no cerrado, nosso ser precisa estar bem alerta para se proteger dos perigos e dos medos. É sim, não podemos estar com medo, mas atentos, o que é muito diferente. Quando estamos alertas, em comunicação com todo o universo, com todos os instintos, dando importância a todos os seres que nos rodeiam, plantas, rios, nuvens, animais, ventos, recebemos informações preciosas e necessárias para a nossa sobrevivência. Nossa intuição fica bastante aguçada e nos protege do perigo. Mas se você se distrai com pensamentos à-toa, com medo, ansiedade ou dispersão, pronto, lá vem um tropeção. E prestar atenção aos pequenos tropeções é fundamental: um tropeção aqui evita um tombão mais à frente. Assim, se você por acaso tropeçar andando no mato, fique atento... É tempo de deixar de lado as caraminholas da sua cabeça e prestar atenção no verde da mata, no espinho do mato, na pedra do caminho.

É, foi o que aconteceu comigo. Eu comecei a me preocupar com a fome: "Como é que eu vou me virar para achar comida no meião do mato?". Fiquei ansiosa, pum... Tropecei. Machuquei um tiquinho o tornozelo, mas o alerta serviu. Continuei a caminhada mais calma, respirando fundo, desviando dos buracos, dos espinhos e das pedras... atenta aos avisos da proximidade do perigo, uma cobra ou até uma onça, quem sabe?

É assim, pessoal, a gente sente o aviso do perigo. Parece que a Irmã-Grande Natureza está do nosso lado (quando a gente deixa, é claro!). Às vezes, você se desvia para o lado direito, caminha apertadinho num trilheiro, nem sabe porque... Pode contar que teve a mão da Irmã-Grande por aí, tentando proteger você do perigoso bote de surucucu que se armava do lado esquerdo do caminho.

It is like this, folks, we feel the danger warning. It seems like the Great-Sister Nature is beside us (when we allow her, of course!). Sometimes, you move to the right, walking in a narrow track, without even knowing why… You surely had Great-Sister's help, trying to protect you from the strike of the dangerous surucucu that was coiled up on the left side of the track.

So, continuing our endeavor to get to Big Daddy and Julia's house, after some hours of walking, my guides began to slow down. We arrived to a little maloca, a little house, very low and round, built from thin pieces of wood and covered with dry palm leaves. It was Big Daddy and Julia's house, names they use to deceive us because their real name is a secret that only Nambikwara people are allowed to know.

The two teenagers got in first. I kept waiting and I have to admit: I was not scared at all. My confidence in Julia's affection was such…

Still today I wear five black armbands made of some palm that only the old Nambikwara women know. One day in the Mamaindê village, I went to Julia's house to say goodbye and even before I got into her house she came and held me tight and we began to dance and laugh a great deal. The rain came and we kept on dancing, jumping, laughing and getting wet in the rain, while strolling in front of the few houses of the village. By the end of this short and harmonious meeting she put the armbands in my arm.

I waited for a little while and the girl came out of the maloca and called me. I lowered my head and got in. Julia - naked and painted brown from the soil and ashes from the remains of the bonfire, unkempt, seated on her heels – smiled kindly at me. I sit too, beside her. Big Daddy slept, lying down on the floor, a typical Nambikwara custom. Julia looks for a huge, baked, pink sweet potato, smelling great and offers me. This time I was at the center of the world. I thanked not only her but all Universal energies who responded my request (during the walking, do you remember?).

I was very happy with this mysterious communication established between Julia and me. We, I mean, every human being, animals, vegetables and minerals, are connected to a universal net of energies and in our most harmonious and integrated moments we perceive these signs. Truthfully speaking, that is what I believe in.

Então, continuando a nossa empreitada rumo à casa de Papai-Grande e Julia, depois de algumas horas de caminhada, meus guias foram diminuindo o ritmo dos passos. Fomos chegando numa pequena maloca, uma casinha redonda bem baixinha, feita de paus finos e coberta com folhas de palmeira seca. Era a casa de Papai-Grande e Julia, nomes que eles usam para nos enganar porque o nome deles mesmo é um segredo que só a gente Nambiquara pode saber.

Os dois jovens entraram na frente. Fiquei aguardando e confesso para vocês: não tive medo, medo nenhum. Minha confiança no carinho de Julia era tanta....

Ainda hoje carrego no braço cinco pulseiras pretas feitas de alguma palmeira que só as velhas índias Nambiquara conhecem. Certo dia na aldeia Mamaindê, fui até a casa de Julia para me despedir, e antes mesmo de eu entrar em sua casa ela me abraçou forte e nós começamos a dançar e a rir muito, muito. A chuva veio e nós continuamos a dançar, a pular, a rir e a nos molhar, passeando em frente das poucas casas da aldeia. No final deste curto e harmonioso encontro ela colocou as pulseiras em meu braço.

Pouquinho tempo esperei, a menina saiu da maloca e veio me chamar. Abaixei a cabeça e entrei. Julia, nua e colorida do marrom da terra e cinza de restos da fogueira, despenteada, sentada sobre os calcanhares, sorria aberto para mim. Me abaixei também ao seu lado. Papai-Grande dormia deitado no chão de terra, hábito característico dos Nambiquara. Julia pega uma enorme batata-doce rosa assada, cheirosa, cheirosa e me oferece. Desta vez eu estive no centro do mundo. Agradeci não só a ela mas a todas as energias do Universo que atenderam o meu pedido (durante a caminhada, lembram?).

Fiquei muito feliz com esta comunicação misteriosa que se estabeleceu entre ela e eu. Nós, digo, todos os seres humanos, animais, vegetais e minerais, estamos ligados a uma rede universal de energias, e nos nossos momentos mais harmoniosos e integrados percebemos estes sinais. Falando a verdade, é nisto que eu acredito.

Enquanto eu comia a batata fui reparando ao redor e percebi que havia um cobertor, uma panela, duas pequenas cuias de cabaça, um xiri (cesto de palha trançada), um terçado (facão de metal), arcos, flechas, beiju (um pão feito de mandioca ralada) e batatas-doces, tudo displicentemente jogado pelo chão ou preso nos vãos dos paus da casa. Ah! E fogo e lenha, que não tem casa de índio que

While I was eating the potato I started observing things around me and I noticed that there were a blanket, a pan, two little gourds, a xiri (a woven basket), a terçado (a machete made of metal), arches, arrows, beiju (a tortilla made of grated cassava) and sweet potatoes, everything nonchalantly scattered on the floor or hung along the span of the beams of the house. Ah! Fire and firewood, there is no Indian house without it.

Have you ever imagined yourselves living with only those things? The comfort of the sofas, stove, refrigerator, television, DVD player, music player, table, dishes, spoons, canned food and bags of potato chips, doors, windows, walls, all of these exchanged for natural seats – the hard-packed earthen floor; the natural cutlery – our hands, fingers and, once in a while, terçados; the natural body heat, solar and fire warmth; and wooden ceiling – leaves, moon, stars and some drops of rain?

My dear friends, the Nambikwara, do not need anything more, despite the cruelty to what they have been exposed, mainly in this century and in the last, because of the contact with our society. So much that, of over 10,000 in the early 20th century, they went to a population of 600, in 1972.

Suddenly…
I hear a familiar noise.
I feel an odd smell.
I see that Big Daddy is moving.
I stay alert.
What is he going to do when seeing me here?
The same noise again… and Julia covering her mouth to silence a giggle.
Another noise…

Yes, Big Daddy was farting!!! Yes, ladies and gentlemen, baked sweet potato farts. I burst out laughing when I realized that his sleep was only a disguise of angry man. Thus, all the danger passed away.

It is a pleasure to be close to people who accept the natural events as they are, i.e. natural. With the Nambikwara I learned that the noises our bodies naturally produce can be a source of joy and many laughs; they can bring an immense tranquility (indeed, some Italian families also have a lot of fun this way). The necessities of our bodies need to be supplied, all of them: hunger, thirst and the elimination of leftovers. All of them share the same nature; there is not a nobler one. The human body welfare is fundamental as far as health and joy of living are concerned.

não tenha.

Vocês já se imaginaram morando só com isso? Todo o conforto de sofás, fogões, geladeiras, televisão, vídeo, gravador, mesa, prato, colher, enlatados, saquinhos de batata frita, porta, janela, parede, trocado pelos assentos naturais - o chão de terra batida; os talheres naturais - nossas mãos, dedos e, vez ou outra, terçado; o calor natural dos corpos, do sol e do fogo; e teto de madeira - folha, lua, estrelas e alguns pingos de chuva?

Meus queridos amigos, os Nambiquara não precisam de mais nada, apesar de toda a crueldade a que têm sido expostos, principalmente, neste século e no século passado, por causa do contato com a nossa sociedade. Tanto que, de mais de 10.000, no início do século XX, passaram para uma população de 600, em 1972.

De repente...
Ouço um barulho bastante familiar.
Sinto um cheirinho estranho.
Percebo o Papai-Grande se movendo.
Fico alerta.
O que será que ele vai fazer ao me ver aqui?
Novamente o mesmo barulho... e uma risada escondida atrás das mãos de Julia.
Mais um barulho...

É, Papai-Grande fazia puns!!! Sim, senhores, puns de batata-doce assada. E a gargalhada foi geral quando me dei conta de que o sono dele era só um disfarce de homem bravo. Assim, todo o perigo passou.

É tão agradável conviver com pessoas que aceitam os acontecimentos naturais como eles são mesmo, isto é , naturais. Com os Nambiquara eu aprendi que os ruídos que o nosso corpo produz naturalmente podem ser fonte de alegria e gargalhadas; podem trazer uma imensa tranquilidade (aliás, algumas famílias italianas também se divertem bastante deste jeito). As necessidades do nosso corpo precisam ser atendidas, todas elas: a fome, a sede e a eliminação das sobras. Todas são da mesma natureza, não há uma mais ou menos nobre. O bem-estar do corpo humano é fundamental para a saúde e a alegria de viver.

WANINTESU

A very beautiful and interesting thing about the indigenous storytelling style is how animals and actions are imitated.

While Lídio was telling me some stories, all his folk gathered around us, men, children and women. Some of them interfered and made comments. Daddy Lídio used everything around him to imitate each situation, besides a lot of gestures, of course.

The indigenous storytelling style is similar to a play. Everything that is done, said and shown must be truthful. When a narrator or actor believes in what he is telling, the person listening to it also believes, don't you agree?

To show how the potoo behaves, Lídio would stand on a wood log that was lying on the ground and, squatting down like a bird on a branch, he would look far away and around as if he was looking to everything from above and he would imitate the bird singing.

Another imitation was that of the monkeys, jumping hither and thither waiting for the people to leave the mountain: Lídio stretched his arms up and pretended to grasp a branch as a support to pick up momentum to jump. The lightning and its shrill sound crossing the sky, breaking down the mountain, Lídio would imitate with his yells and roars making everybody tremble. And so on. Each story is lived to the full, without any prejudice. Sometimes, the narrator turns into an animal, stick or stone, lightning, mountain or armadillo. Everything has the same unimportance.

Now we are going to find out how a man became the first Wanintesu (in Nambiquaran it means the sage, healer, Wise Man, as daddy Lídio says):

"A man's wife died.
He did not want it because she was a pretty woman.
She died.
Then he prayed, prayed…
And he thought, thought, thought…
He wanted his wife back.

One day he went out into the field and found out some feathers and bones from a dead parakeet. He gathered them together in his hand, giving them the shape of a parakeet.

WANINTESU

Uma coisa muito bonita e diferente no jeito indígena de contar histórias é a maneira como todos os animais e ações são imitados.

Enquanto Lídio contava histórias para mim, toda a gente dele se reunia em volta, homens, crianças e mulheres. Alguns iam dando palpite nas histórias. Papai Lídio usava tudo o que tinha por perto para imitar cada caso, além de muitos gestos, é claro.

O jeito indígena de contar histórias é parecido com uma peça de teatro. Tudo que é feito, falado e mostrado precisa ter muita verdade. Quando um narrador ou ator acredita naquilo que está contando, a pessoa que ouve também acredita, não acham?

Para nos mostrar o jeito do urutau, Lídio subia numa tora de madeira que estava ali jogada no terreiro da aldeia, se acocorava como um pássaro sobre um galho alto de árvore, olhava bem longe ao redor como se avistasse tudo de cima e imitava o canto do pássaro.

Outra imitação era a dos macacos aguardando os povos saírem da montanha. Pulando daqui pra lá, Lídio jogava os braços soltos para cima e agarrava no impulso para pular.

O raio e seu som estridente cruzando o céu e quebrando a montanha, Lídio imitava com seus gritos fazendo tremer toda a gente. E assim vai. Cada história é vivida de verdade. Não tem preconceito nenhum. Às vezes, o narrador vira bicho, pau ou pedra, raio, montanha ou tatu. É tudo de desimportância igual.

Vamos agora descobrir como um homem virou o primeiro wanintesu (na língua Nambiquara significa o sabido, o curador, Homem Sabido, como diz papai Lídio):

"A mulher de um homem morreu.
Ele não queria porque ela era bem bonita.
Ela morreu.
Daí ele rezou, rezou...
Ficou pensando, pensando, pensando...
Ele queria de volta a sua mulher.

Certo dia ele saiu pelo campo e encontrou penas e ossos de periquito morto. Juntou tudo direitinho na mão, dando forma de periquito.

He spat and blew… the parakeet flied.
After that, he gathered together the remains of a grasshopper.
He spat on it… he blew… the grasshopper flied too.
Then he gathered the remains of a curassow – a big and black bird – that had died.
It flied too.
And then he found a body still warm from a tapir that had just died…
He spat and blew… and the tapir ran.

He realized that he was a wise man, a wanintesu (a sage, as we say), and he thought:
- I see that I really know how to rekindle life! I will try with my wife!

One day everybody in the village went out into the field and he stayed alone.
The wanintesu prepared a xiri made of straw, with cassava, beiju, some meat and a gourd with water.
He put the basket over the body of his buried wife and thought:
- I am going to make a cigarette and I will blow the smoke on her.

He removed the earth, ate the food, spat on his wife's body and blew the smoke on her…
The woman rose up.
He grabbed the bowl with water and gave her a bath.
Then they went home.

The wanintesu's wife had a mother and a brother.
When her mother came home, she told her son (the revived young woman's brother):
- Go to your brother-in-law's house and get firebrand to light the fire.
He went.

When he got there he entered his brother-in-law's house without asking leave.
His brother-in-law asked him to wait outside.
The boy did not respect.
He got in and glanced around the house.
He saw that his sister was alive and he went home to tell his mother.

Their mother cried a lot because she remembered his daughter who had died. She could not cry. (Controlling one's sadness is very important).
The woman heard her mother's cry and disappeared.
She died again.

The wanintesu got really angry.
He made a thunderbolt that destroyed the whole village.
So death came.
Now people die."

Cuspiu, soprou... o periquito voou.
Juntou restos de um gafanhoto.
Cuspiu nele... soprou... o gafanhoto voou também.
Juntou as parte do mutum - um pássaro grande e preto - que morreu.
Ele também voou.
Encontrou uma anta quentinha, que tinha morrido há pouco...
Cuspiu, soprou... e a anta correu.

Ele percebeu que era um homem sabido, um wanintesu (um sábio como dizemos nós), e pensou:
– Eu vi que eu sei mesmo reanimar a vida! Vou experimentar com minha mulher!

Um dia toda a gente da aldeia saiu para o campo e ele ficou sozinho.
O wanintesu preparou um xiri de palha, com mandioca, beiju, alguma carne e uma cuia com água.
Colocou o cesto em cima do corpo da mulher enterrada, e pensou:
– Vou fazer um cigarro e soprar nela a fumaça.

Ele descobriu a terra, comeu a comida, cuspiu sobre o corpo da mulher e soprou a fumaça....
A mulher levantou.
Ele pegou na cuia com água e deu um banho na mulher.
Seguiram para casa.

A mulher do wanintesu tinha mãe e irmão.
Quando a mãe dela voltou para casa falou para seu filho (o irmão da moça reanimada):
–Vá na casa do seu cunhado buscar um tição para acender o fogo.
Ele foi.

Quando chegou adiante foi entrando direto na casa do cunhado.
O cunhado pediu para ele esperar fora.
A criança não respeitou.
Entrou e espiou lá dentro.
Viu a irmã viva, viva, e foi para casa contar para a mãe.

A mãe chorou muito porque se lembrou da filha que tinha morrido.
Ela não podia chorar. (Controlar a tristeza é muito importante).
A mulher ouviu o choro da mãe e sumiu.
Ela morreu de novo.

O wanintesu ficou muito bravo.
Criou um raio que destruiu toda a aldeia.
Assim veio a morte.
Agora a gente morre."

THE APPEARANCE OF DARKNESS

The Appearance of Darkness is told in two ways. This is the first one:

"Once, in this existing world, there was a flood.
The people who hid inside a mountain survived.
After the flood, the monkeys stayed outside the mountain waiting for the people inside to come out.
They waited for so long that they got sunburned and their back became of a purple hue.

Then a bolt of lightning struck the mountain, splitting it up.
The people were scattered throughout the world.

Two women went to the river to take a bath and date wanintesu.
Because of his condition, wanintesu is not allowed to date anybody.
He did.

Then a punishment came over: one year of darkness.
And people's belongings turned into snakes, coatis, tapirs… into animals.

Two brothers remained here: a woman and an older man.
Together they gave birth to a child.

In that endless night, the child said:
- You have to paint my face with urucum and put it towards the point where the sun rises. (Urucum is a tree whose fruit, full of little grains, gives a good red ink).

The child's parents kneaded the urucum's seeds, made the ink and applied it on the child's face and put it facing the sun.
Then, the darkness began to disappear.

O APARECIMENTO DA ESCURIDÃO

O Aparecimento da Escuridão é contado de duas maneiras. Primeiro assim:

"Uma vez, neste mundo que existe, houve uma inundação.
Os povos que se esconderam dentro de uma montanha sobreviveram.
Depois da inundação, os macacos ficaram do lado de fora da montanha esperando que os povos que estavam lá dentro saíssem.
De tanto esperar, eles se queimaram no sol e pegaram uma cor roxa nas costas.

Então, veio um grande raio e abriu a montanha.
Os povos se espalharam pelo mundo inteiro.

Duas mulheres foram no rio tomar banho e namorar com o wanintesu.
Por força de sua condição, o wanintesu não pode namorar.
Ele namorou.

Então veio um castigo: um ano de escuridão.
E os pertences das gentes se transformaram em cobra, coati, anta... em animais.

Dois irmãos sobraram por aqui: um homem mais velho e uma mulher.
Juntos eles fizeram uma criança.

Naquela noite que não tinha fim, a criança falou:
– Precisa pintar meu rosto com urucum e colocar ele virado para o lugar que o sol nasce. (Urucum é uma planta cujos frutos, cheios de grãozinhos, dão uma tinta boa e vermelha).

Os pais amassaram as sementes de urucum, fizeram a tinta, passaram no rosto da criança e viraram a cara dela para o sol.
Então, a escuridão foi desaparecendo.

So, when a Nambikwara child grows and reaches an adult's knee height, the couple gives birth to another child.
The darkness disappears as the number of children increases.

The children get older, become grown-ups.
The little nighttime that remains is made by grown-ups.
And from this couple of brothers all the Nambikwara people descend."

In a different explanation about the origin of the Nambikwara people, we find the potoo as the Owner of the Darkness:

"The potoo is a very ugly bird, really ugly.
Once, the potoo became the owner of the darkness.
And that is how it happened…

Another indigenous people had two little cups: one cup of darkness and the other one of daylight.
The Indian said to the potoo:
- You must open this little cup very slowly, so the daylight will appear.
The potoo did not obey the Indian and opened the other little cup first… the little cup of darkness.

It became completely dark.
Everything, really everything became dark, just like the very dark nights, when there is neither moonlight nor even the light of the stars.

The potoo was ashamed of what he did.
He flied far, far way…
… and he sat on a tree.
From above the potoo said:
- Ualo ooo, ualo ooo, ualo ooo… (This is how the potoo's singing looks like).

Thus, the potoo became the owner of darkness, the responsible for the dark.
It was him who spoiled our place.

That Indian said:
- I told you not to open that little cup. First, you should have opened the daylight cup, and not the one of darkness.

In the darkness, everybody disappeared inside the woods and the arrows turned into rattlesnakes."

Assim, quando uma criança Nambiquara cresce até a altura do joelho de um adulto os casais fazem outro filho.
O número de crianças vai aumentando e a escuridão vai sumindo.

As crianças crescem, viram gente grande.
O pouco de noite que resta é gente grande que faz.
E deste casal de irmãos descendem todos os Nambiquara".

Numa outra explicação da origem do povo Nambiquara encontramos o urutau como Dono da Escuridão:

"Urutau é um pássaro bem feio, feio demais.
Uma vez, urutau ficou sendo o dono da escuridão.
E foi assim...

Um outro povo de índios tinha dois copinhos: um da escuridão e outro do dia.
O índio disse para o urutau:
– Você abre bem devargazinho este copinho, que vai aparecendo o dia.
Urutau não obedeceu o índio e abriu primeiro o outro copinho...
... o copinho da escuridão.

Escureceu tudo, tudo.
Tudo, tudo mesmo, igual nas noites bem escuras, quando não tem a luz da lua ou das estrelas.

Urutau se envergonhou do que fez.
Voou longe, longe...
... e sentou numa árvore.
De lá de cima urutau falou:
– Ualo ooo, ualo ooo, ualo ooo... (Este é o canto do urutau).

Assim, o que provocou o escuro, o dono do escuro ficou sendo o urutau.
Foi ele que estragou nosso lugar.

Aquele índio disse:
– Eu falei pra você que não era pra abrir esse copinho. Primeiro, tinha que abrir o copinho do dia, e não da escuridão.

Na escuridão, todo mundo sumiu no mato e as flechas viraram cobra cascável."

THE NINE-BANDED ARMADILLO WOMAN

It is beautiful to know that in the Nambikwara world, before we became human, we were all animals. So, when you listen to a story about animals, if the narrator says "the woman", "the man", or "the child", no one is surprised, because there is not any difference. It is the same in the Nine-banded Armadillo Woman story:

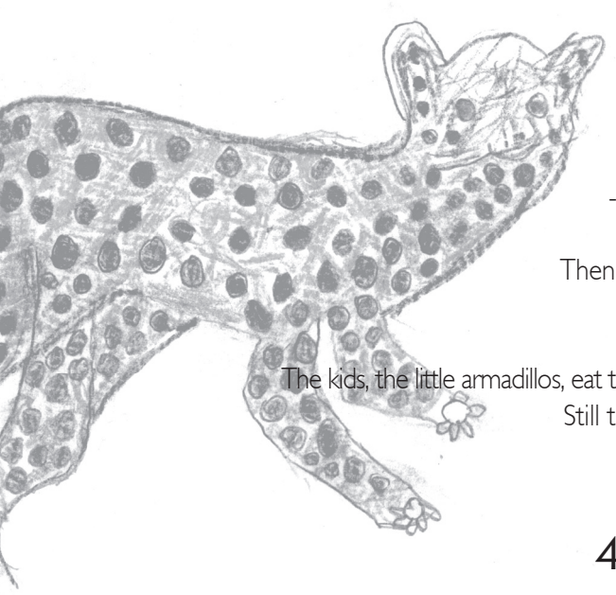
"The nine-banded armadillo woman went out into the bush to eat some bugs.
Her children stayed home.
She was alone, bushwalking, when she met a jaguar.
The jaguar ate the nine-banded armadillo woman.
Her children stayed home waiting… waiting… thinking their mother had died in the bush.

The jaguar thought:
- I will follow the armadillo woman's trail till her house.
The jaguar followed the trail and arrived to the nine-banded armadillo woman's house.

The kids asked:
- Look jaguar, our mother disappeared. She is missing since yesterday. Do you know anything about her?
The jaguar pretended not to know and lied:
"I do not know… What ever happened to her?

The jaguar was fascinated by the nine-banded armadillo kids' bodies (the nine-banded armadillo's skin is full of lines that create patterns).
Then, she asked:
- Why did you scratch your bodies this way?
The kids answered:
- No. We did not scratch. These lines were made with tucum strings.

The jaguar asked to be tied up the same way, with a tucum string. She wanted a scratched body too.
The kids tied the jaguar's body tightly, really tight.



The jaguar shouted:
- It hurts! Untie me!
The kids said:
- No! Otherwise your body will not get scratched!

Then, they tightened the knot stronger, really stronger.
So… so… until she died.
The jaguar died.
The kids, the little armadillos, eat the jaguar, lost their mother and kept living right there.
Still today they live in the bush, there in the cerrado…
… and people eat the little armadillos."

TATU-GALINHA MULHER

Coisa bonita é ficar sabendo que no mundo Nambiquara antes de ser gente todos éramos animais. Assim, quando se escuta uma história sobre bicho, se o narrador falar "a mulher", "o homem", ou "a criança", ninguém fica surpreso, porque antes não existia diferença mesmo. Assim é a história do Tatu-Galinha Mulher:

"O tatu-galinha mulher foi andar no mato para comer bichinhos.
Sua criançada ficou lá em casa.
Ela estava sozinha, andando no mato, quando encontrou uma onça.
A onça comeu o tatu-galinha mulher.
A criançada lá em casa ficou esperando... esperando... achando que a mãe tinha morrido no mato.

A onça pensou:
– Vou seguir o rastro da mulher até chegar na casa dela.
A onça seguiu o rastro e conseguiu encontrar a casa do tatu-galinha mulher.

A meninada perguntou:
– Olha onça, nossa mãe está sumida. Ela não chega desde ontem. Você sabe dela?
A onça disfarçou e mentiu:
– Não sei.... Será que aconteceu alguma coisa?

A onça estava encantada olhando para o corpo da meninada tatu-galinha (o couro do tatu-galinha é cheio de riscos que formam desenhos).
Então, ela perguntou:
– Por que vocês riscaram o corpo assim?
As crianças responderam:
– Não. Nós não riscamos. Foi marca feita com corda de tucum.

A onça pediu para ser amarrada do mesmo jeito com a corda de tucum. Ela também queria o seu corpo riscado.
Elas amarraram bem forte o corpo da onça, bem duro.

A onça gritou:
– Tá doído demais! Me desamarra!
A meninada falou:
– Não! Senão o corpo da senhora não vai riscar!

Aí, eles apertaram mais duro, bem duro mesmo.
Assim... assim... até ela morrer.
A onça morreu.
A criançada, os tatuzinhos, comeram a onça, ficaram sem mãe e continuaram morando lá mesmo.
Hoje ainda eles vivem no mato, ali no cerrado...
... e a gente come os tatuzinhos."

THE HUSBAND OF THE STARS

We learn a lot listening to the people from the village when they talk about numbers, amount or time. There is never a very exact notion like what we from the city are more used to. We have a lot to learn with the Nambikwara. They do not need to spend time counting one by one the days, months, years or objects. The quality of things is more important, the smell, the color and the taste of bananas, for example.

You do not need to run or set a time too clear. You always find what you need for living. If not, dying is part of life. Nature has its own rhythm. And this rhythm is much calmer than the one we have here in the city. Us, the plants, the animals, the weather, the natural phenomena, we are all part of the Earth which has a beating rhythm in its center. And if we open our hearts wide, we are going to find this same rhythm beating together with the whole Universe.

Many a night we used to watch the sky in silence, at first, in the early evening. But soon, soon, if we did not start singing and dancing – because the Nambikwaras like music very much – stories about the stars showed up. About boys who became stars or about stars that came to earth in order to pick up their husband.

Let's feel, then, daddy Lídio's story about the Husband of the Stars:

"Once, during some time (a month, five days, ten days, or so) a very young man thought about marrying a girl.
She did not want to marry him.

He thought a lot about it:
- The reason why she does not want to marry me, I do not know.

The girl was becoming distant, just like a stranger.
The way out was for the young man to leave aside his feelings for her.
He was very sad and went away to live in the fields with his mother.

O MARIDO DAS ESTRELAS

A gente aprende muito ouvindo o pessoal da aldeia falar de número, quantidade ou tempo. Nunca há uma noção muito exata como nós da cidade somos mais acostumados. Temos muito o que aprender com os Nambiquara. Eles não precisam ficar medindo um por um os dias, os meses, os anos ou os objetos. A qualidade das coisas é mais importante, o cheiro, a cor e o gosto das bananas, por exemplo.

Nem é preciso correr, nem marcar hora muito certa. O necessário para viver é sempre encontrado. Se não, morrer também faz parte da vida. A Natureza tem o seu ritmo. E este é um ritmo muito mais calmo do que o que conhecemos aqui na cidade. Nós, as plantas, os animais, o tempo, o clima, os fenômenos naturais, somos parte da Terra que tem um ritmo pulsando em seu centro. E se a gente abrir bem o nosso coração, vamos encontrar esse mesmo ritmo pulsando em conjunto com todo o Universo.

Muitas noites nós ficávamos observando o céu em silêncio, a princípio, no comecinho da noite. Mas logo, logo, se não começávamos a cantar e dançar - porque Nambiquara gosta muito de música - surgiam as histórias das estrelas. De meninos que viraram estrelas ou de estrelas que vieram para a terra para pegar seu marido.

Vamos, então, sentir a história do papai Lídio sobre o Marido das Estrelas:

"Antigamente, durante algum tempo (um mês, cinco dias, dez dias, por aí) um rapaz muito novo pensou em casar com uma moça.
Ela não queria casar com ele.

Ele pensou muito:
– Porque ela não quer ficar comigo, eu não sei.

A moça foi ficando distante, como uma estranha mesmo.
O jeito foi o rapaz largar desse seu querer por ela.
Ele ficou muito triste e foi embora para o campo ficar com a mãe.

One night his mother said:
- You stay here tonight. I will be back tomorrow.
The young man thought:
- This mother of mine went to get some food. Tomorrow I will hunt some cururu to eat. (Cururu is a little rodent particularly appreciated by the Nambikwara).

He kept thinking about that girl he wanted to marry with.
In the dry season a lot of beautiful stars appear.
At night he lay down on the ground, belly up, near the fire and stayed there watching the sky, alone, thinking about the same girl.

All of a sudden, he noticed two very beautiful stars. Then, he thought:
'I want those two stars. I want to marry them'.

Some time afterwards it started to rain.
In the dry season there has no rain.
So, actually, it was star spittle.

Early in the morning, he went out to hunt and found some cururus.
He killed about four cururus (or eight, or so).
When he was getting near, on the way home, to the village he heard some laughs.

His thought flied to that girl who he liked:
'It is that girl's voice. When I get there I will give her a good telling off. I do not like her anymore'.

Two beautiful women were laughing. They said:
- Yesterday night you said you liked those two beautiful stars. You thought about us. You said you wanted us. We heard you from above. Now we are here. We are your wives.

Uma noite a mãe saiu dizendo:
– Você espera por aqui esta noite. Eu volto amanhã.
O rapaz pensou:
– Essa minha mãe foi arranjar comida. Amanhã vou matar cururu para comer.
(Cururu é um pequeno roedor muito apreciado pela gente Nambiquara).

Ele continuava pensando naquela moça com quem queria casar.
No tempo da seca aparece muita estrela bonita.
De noite ele deitou no terreiro, de barriga pra cima, na beira do fogo e ficou olhando o céu, sozinho e pensando na mesma moça.

De repente, ele notou duas estrelas muito bonitas. Então, pensou:
– Eu quero aquelas duas estrelas. Eu quero casar com elas.

Um tempinho depois apareceu uma chuvinha.
Em tempo de seca não tem chuva.
Na verdade era cuspe de estrela.

De manhã cedinho, ele saiu para caçar e encontrou cururu.
Matou uns quatro cururus (ou oito, por aí).
Quando ele estava se aproximando, na volta, na aldeia ele ouviu umas risadas.

Seu pensamento voou para aquela moça que ele gostava:
– É a voz daquela moça. Quando eu voltar lá eu vou brigar duro. Eu não gosto mais dela.

Eram duas mulheres bonitas que estavam rindo. Elas disseram:
– Ontem à noite você falou que gostava daquelas estrelas bonitas. Você ficou pensando em nós. Você falou que queria a gente. Nós escutamos lá de cima. Agora nós estamos aqui. Somos suas mulheres.

The women-stars took the cururus and prepared them to their husband.
After, they got a comb and combed the young man's hair.
They went behind the house where they made a wheel with a piece of soft wood, quite round and red and lined it with cotton.
It looked like a big sieve.
They put their husband in the middle of it and carried him up.

The young man's old mother was arriving home, almost in the village, when they were ascending with the young man, laughing, laughing a lot.
Then the old woman said:
- I am sad, very sad! They took the boy.

The women-stars took the boy to the sky.

Then, a foreigner thief came and ate the husband of the stars."

The chiefs, among the Nambikwara, are chosen for their generosity and with the consent of all the members of the group. And they alone can have two women or more. And only them.

As estrelas-mulheres pegaram os cururus e prepararam pro marido comer.
Depois pegaram um pente e penteraram os cabelos do rapaz.
Foram atrás da casa, prepararam uma roda com um talo de madeira mole, bem redondo, bem vermelho e forraram com tecido de algodão.
Parecia uma peneira muito grande.
Botaram o marido no meio e foram levando lá pra cima.

A velha mãe do rapaz estava quase chegando em casa, quase encostando na aldeia, quando elas estavam subindo com o rapaz, rindo, rindo muito.
Aí a velha falou:
– Fico triste, muito triste! Levaram o menino.

As mulheres-estrelas levaram o rapaz para o céu.
Daí, veio um ladrão estrangeiro e comeu o marido das estrelas."

Os chefes, entre os Nambiquara, são escolhidos por sua generosidade e mediante o consentimento de todos os membros do grupo. E eles podem ter duas mulheres ou mais. Só eles.

AND SO...

And so I go, slowly, satisfying the curiosity of my friends here from the city, telling them a little bit about how they live, these wonderful indigenous masters of ours.

They are the wisest where the Brazilian world is concerned. They have been living here for many centuries. No one can tell exactly how many millennia. They know the way of the wild animals, of the plants, trees and fruit, how the dry and wet seasons behave, the cure of some diseases through the plants and how to drive away evil spirits, the pajelança (shaman ritual) of the spittle and smoke, the healing chants and the ones used to communicate with the beyond and the necessity for the existence of a group for living well and happily.

They teach us to respect everything that is different, people, plant or animal, and to get along with them. Or else, think well: have you ever thought about how many languages, customs, stories and rituals the indigenous people present us? There are more than 210 nations speaking around 180 languages.

Despite being many and different, indigenous people have in common the respect for life in every sense, for the children, rivers and forests, for friends and foes, for the teachings of the elder and for group life.

I hope that after this talk I do not find, anymore, anyone in the streets or in the school asking me:
- But and the Indians, are they really people?
Because as the Nambikwara Lídio showed us…

Indian is wise, indeed, folks!

E ASSIM...

E assim, vou, devargazinho, satisfazendo a curiosidade dos meus amigos aqui da cidade, contando um pouquinho como vivem estes nossos maravilhosos mestres indígenas.

Eles são os mais sabidos em relação ao mundo brasileiro. Moram aqui há muitos e muitos séculos. Ninguém até hoje consegue dizer exatamente há quantos milênios. Conhecem o jeito dos animais silvestres, das plantas, árvores e frutos, o comportamento das estações de chuva e seca, a cura de certas doenças pelas plantas e afastamento dos espíritos maus, a pajelança do cuspe e da fumaça, os cantos de cura e de comunicação com o outro mundo e a necessidade da existência do grupo para se viver bem e feliz.

Eles é que nos ensinam a respeitar tudo que é diferente, gente, planta ou animal, e conviver bem com isso. Senão, pensem bem: vocês já perceberam quantos tipos de línguas, costumes, histórias e rituais nos apresentam as nações indígenas? São mais de 210 nações que falam 180 línguas.

Apesar de serem muitos e diferentes, os povos indígenas têm em comum o respeito pela vida em todos os sentidos, pela criança, pelos rios e florestas, pelos amigos e inimigos, pelos ensinamentos dos mais velhos e pela vida em grupo.

Eu espero, depois dessa nossa conversa, não encontrar mais ninguém nas ruas ou nas escolas me perguntando assim:
– Mas será que índio é gente mesmo?
Porque como Lídio Nambiquara nos mostrou...

Índio é sabido, sim, minha gente!

LIVRO II
LIÇÕES DE NAMBIQUARA

BOOK II
NAMBIKWARA LESSONS

THE OLD WOMAN

There was a really old woman, around 60 or 70 years old, near to death.
She was old, nobody gave her water and nobody took care of her.

She went to take a bath in the stream.
She took all the skins off.
She became a girl, young and pretty again.

She took a bath and adorned herself – necklace, wrist and earring.

She left her skin on the tree and came home.
Everybody was surprised:
- She looks old, but she's young!

If we do not touch the skin we do not die.

The skin was on the tree and the kids were playing.
The kids shot an arrow into the old woman's skin and it was much torn.

The old woman said:
- Now everybody will die. If you had not shot the arrow, nobody would die.

She put on the torn skin and died.

That is why any disease is contracted and people die.
There are a few Indians here on the reservation now.
The old woman warned that the kids are guilty.

A MULHER VELHA

Tinha uma mulher muito velha mesmo, 60 ou 70 anos, por aí, perto de morrer.
Ela tava velha, ninguém dava água pra ela, ninguém tratava dela.

Ela foi tomar banho no córrego.
Tirou as peles todas.
Virou moça novinha, bonita.

Tomou banho.
Se enfeitou tudo - colar, pulso, brinco.

Deixou a pele dela em cima da árvore e veio pra casa.
Todo mundo estranhou:
– Parece velha, mas é nova!

Se não mexer na pele a gente não morre.

A pele estava na árvore e a criançada estava brincando.
A criançada flechou a pele da velha e rasgou muito.

A velha falou:
– Agora todo mundo vai morrer. Se não tivesse flechado, ninguém morria.

Ela vestiu a pele rasgada e morreu.

Por isso qualquer doença pega e a gente morre.
Tem pouco índio agora aqui na reserva.
A velha avisou que a criançada é culpada.

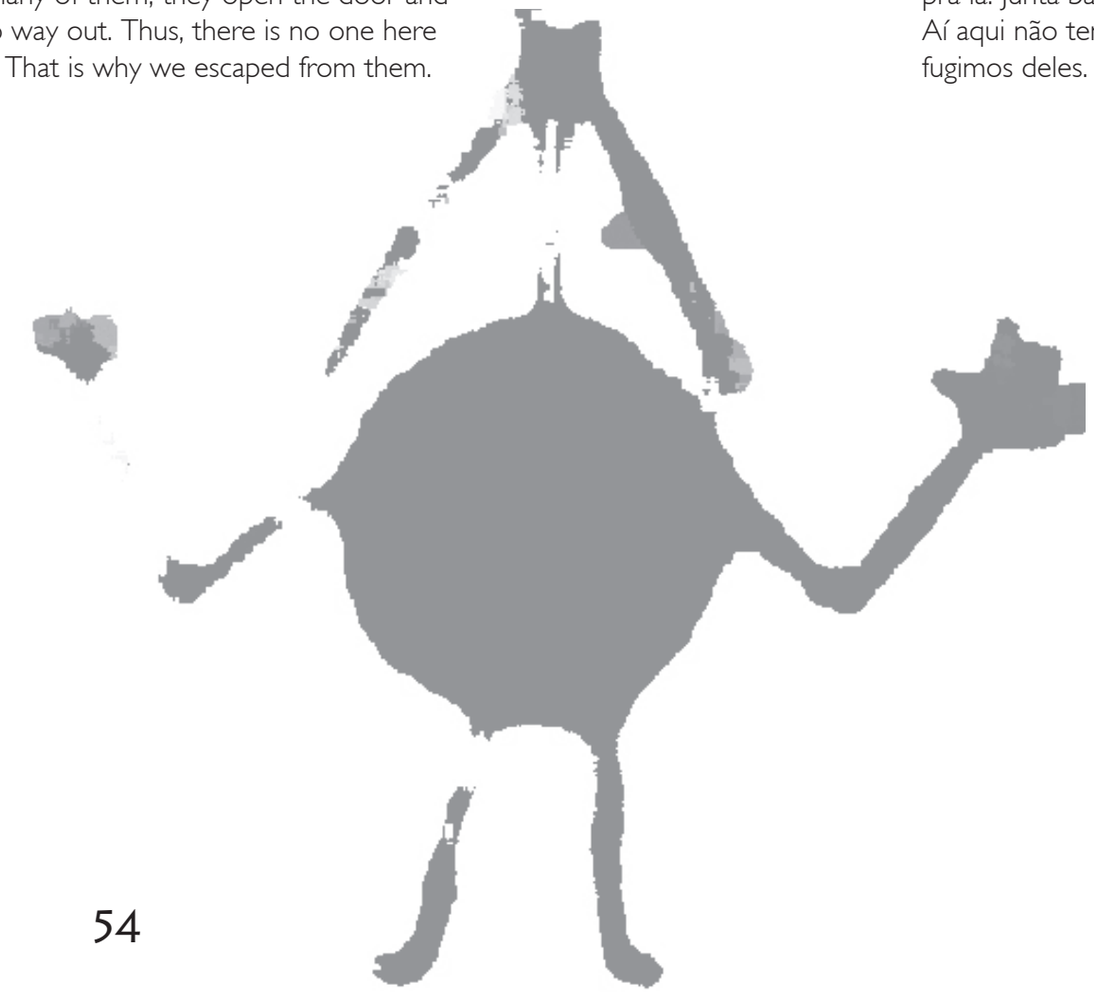
PEOPLE WHO DIE

When people die, a part remains on earth, the other goes to heaven. The buried part does not make noise, but when the part that is in heaven wants to come down, it makes a big noise.

These people who die nowadays and stay in the graveyard do not make noises. It is the older ones, of yesteryear, who are stirring up the earth, like thunder. We do not have the courage to see them because they are dead. We do not know them anymore, we get scared.

The ones that are on earth also ascend and make the earth tremble, like a tractor. Then they show up… they start showing up. They show up and turn into leaves, they look like piled leaves, a kind of bush full of leaves. They also turn into jaguars. These ones eat people.

These ones who die, they show up just to take people who are not dead. Their home is there in the mountains, high sierras, hills. They take living people there. They gather many of them; they open the door and lock them inside. Then there is no way out. Thus, there is no one here anymore. It happened in the past. That is why we escaped from them.



GENTE QUE MORRE

Gente que morre, uma parte fica na terra, a outra fica no céu. A parte que está enterrada não faz barulho não, mas quando as que estão no céu querem descer aqui, fazem muito barulhão.

Essa gente que morre hoje e fica no cemitério não faz barulhão. Os mais velhos, de antigamente, é que estão provocando a terra, como trovão. Não temos coragem de ver eles porque estão mortos. A gente não conhece eles mais, a gente fica com medo.

Os que estão aí na terra também sobem, fazem a terra tremer, igual trator. Daí eles aparecem... começam a aparecer. Aí eles aparecem e viram folha, parecem folhas amontoadas, um tipo de arbustozinho cheio de folhas. Eles viram onça pintada também. Essa come a gente.

Esses que morrem aparecem só pra carregar gente que não morreu. A casa deles é lá na montanha, serra alta, morro. Levam a gente viva pra lá. Junta bastante, abre porta e fecha a gente lá. Aí não escapa não. Aí aqui não tem mais ninguém. Isso foi antigamente. Por isso que nós fugimos deles.

SIBLING OWNERS OF ANIMALS

There are three people that we do not know.

Owners of many armadillos; nine-banded armadillos, collared peccaries.
The older brother said to the younger one:
- When I go to the village do not open to anyone.

A person from the village came to ask for animal and said:
- I want to eat good meat.
He said:
- Let's go to the hole.

They arrived there and he blew. A lizard came out.
In the second blowing, three-banded armadillos came out. He killed two.
- It is enough. My oldest brother said that is enough.

But, he wants more meat:
- Animals are still coming out.
- My brother said it is enough. I am going; you can blow if you want.

Then he blew and collared peccaries came out.
Three.
One more blow and ten animals came out and spread through the bush.

The oldest brother was coming back and found a three-banded armadillo.
He thought:
- They blew the hole.
He buried it and found another three-banded armadillo, he buried too.
He found a collared peccary in the shadow.
Further ahead he found a tapir.
Then he realized that the animals were spread.

He said to his brother:
- You opened the hole. You did not respect what I told you. Animals are spread throughout the bush.

The younger brother said he respected, but people came who wanted more, and he said:
- People still wanted.

He spoke no more. He left.

IRMÃOS DONOS DOS BICHOS

Três pessoas que a gente não conhece.

Donos de muitos tatus; tatu-liso, caititu.
Irmão velho falou pra irmão novo:
– Quando for pra aldeia não abre pra qualquer pessoa.

Uma gente da aldeia veio pedir bicho e falou:
– Eu quero comer carne boa.
Ele disse:
– Vamos no buraco.

Daí eles chegaram lá e ele soprou. Saiu lagarto.
Na segunda soprada, tatu-bola. Matou dois.
– Agora chega. Meu irmão mais velho falou que chega.

Mas, ele quer mais carne:
– Ainda sopra bicho.
– O irmão falou que chega. Eu vou embora, se você quiser, sopra.

Daí ele soprou e saiu caititu. Três.
E mais um soprão e saíram dez bichos. E espalhou tudo no mato.

O irmão mais velho foi voltando e encontrou um tatu-bola.
Ele pensou:
– Sopraram o buraco.
Ele enterrou e encontrou outro tatu-bola, enterrou.
Encontrou o caititu na sombra.
Mais pra frente, encontrou anta.
Então ele percebeu que os bichos estavam espalhados.

Ele falou pro irmão:
– Você abriu o buraco. Você não respeitou o que eu falei. Bicho tá todo espalhado pelo mato.

O irmão mais novo falou que ele respeitou, mas chegou gente que queria mais, e falou:
– A gente queria ainda.

Ele não falou mais. Foi embora.

THE NINE-BANDED ARMADILLO AND THE SIX-BANDED ARMADILLO

The nine-banded armadillo was making a pannier, basket, xiri.
Then the six-banded armadillo comes and takes the xiri from him.
The six-banded armadillo makes thick xiri, continuing the work.
He makes it ugly, till the nine-banded armadillo comes and takes it to finish.
Xiri is just like this: it starts with nine-banded armadillo, after with six-banded one and then with the nine-banded armadillo again.

TATU-LISO E TATU-CASCUDO

Tatu-liso tava fazendo traia, balaio, xiri.
Aí o tatu-cascudo vem e toma o xiri do tatu-liso.
Aí o tatu-cascudo faz xiri grosso, continuando o trabalho.
Ele faz feio, até o tatu-liso pegar e acabar de novo.
Xiri é assim: começa com tatu-liso, depois tatu-cascudo, depois tatu-liso de novo.

CURASSOW AND SERIEMA

Curassow says to seriema:
- Let's exchange things: ornaments, ribbon, necklace and flute.

Curassow gives its things to seriema and, in turn, seriema gives its things to curassow.

- Look seriema, I am giving you everything. You have to do it right. The flute cannot be used anyway. You can play it in September and you have to play like this: hih, hih, hih. I play this way. You cannot do wrong, at all! – curassow told seriema.

Seriema takes curassow's things into the bush.

Curassow says:
- You can take my things into the bush. I take your things into the fields, where I am going to live.

They lived so, curassow in the fields and seriema in the bush.

Before the rain season, seriema played the curassow's flute, because seriema screams anyway, anytime.
Curassow is overhearing in the bush and hears seriema playing: hih, hih, hih, hih, hih.
Curassow thinks:
- Seriema is doing wrong. I will take my things back.

Curassow went into the bush looking for seriema and called seriema this way:
- Oh seriema! Get out of the bush! You can come outside!

Seriema came into the fields to meet curassow.

Curassow says:
- You do not do right. I will take my things back. Did I not tell you this, seriema?!

Seriema answers:
- Alright. I give them to you and you give mine back.

Seriema's things are ugly and curassow's things are pretty.
Seriema was sad, because the good things went away.

Seriema got some marks on its leg.

MUTUM E SIRIEMA

Mutum fala com siriema:
– Vamos trocar as coisas: enfeite, fita, colar, flauta.

Mutum entrega pra siriema suas coisas e em troca siriema entrega pra mutum.

– Ô siriema, vou entregar tudo pra você. Tem que fazer direito. A flauta não pode ser usada de qualquer jeito. Pode tocar em setembro e tem que tocar assim: hih, hih, hih. Eu toco assim. Não pode fazer errado, não! - mutum fala pra siriema.

Siriema leva as coisas de mutum pro mato.

Mutum fala:
– Pode levar as minhas coisas pro mato. Eu, mutum, levo as coisas suas pro campo, onde eu vou morar.

Moraram mutum no campo e siriema no mato.

Antes do tempo da chuva, siriema tocou a flauta de mutum, porque ela grita de qualquer jeito, a qualquer hora.
Mutum fica escutando no mato e ouve a siriema tocar: hih, hih, hih, hih, hih.
Ele pensa:
– Siriema fez as coisas errado. Vou tomar as coisas dela.

Mutum foi pro mato procurar siriema e chamou siriema assim:
– Ô siriema! Sai da mata! Pode vir pra fora!

Siriema veio pro campo encontrar mutum.

Mutum fala:
– Você não faz direito. Vou tomar minhas coisas. Eu não falei isso pra você não, siriema?!

Siriema responde:
– Tá bom. Eu entrego, e você devolve as minhas também.

Coisa de siriema é feia e de mutum é bonita.
Siriema ficou triste, porque as coisas boas foram embora.

Ficaram alguns sinais na perna.

CATERPILLAR AND PARTRIDGE

Caterpillar says to partridge:
- Partridge, my good friend, come here. I have a good issue to discuss with you. Look, I want to find my mate; then I found this little she-wolf. But it did not do right with me and then I took my flute back from it.

Partridge answers:
- Give me the flute and I will do right with you.

Caterpillar answers:
- Ok, I do. And on the day that there is fruit you can play the flute.

Then caterpillar showed its music which is so:
- Halo txera coo, halo txeraco… Only at the fruit season: mangaba, pitomba, cashew and jabuticaba. Then I will know the fruit are ripe.

Partridge says:
- I will play at the fruit season, I will do right.

Caterpillar says:
- Yes, because the little she-wolf did wrong, I hit it and took my flute back.

So partridge takes the flute into the fields and the caterpillar gets into the hole and waits. It is already the fruit season and partridge plays:
- Halo txera coo, halo txeraco…

Caterpillar heard it and got out looking for fruit because the partridge was calling and there is already fruit.
Caterpillar went out looking for the fruit in the fields: rose apple, jabuticaba…
Caterpillar found pitomba and some other fruit and thought:
- This friend does right, it is good.
And caterpillar ate fruit till its belly was full.
It was happy.

Caterpillar says to partridge:
- You are very good, I will give you my flute and you can take it. I ate fruit, rose apple, I ate a lot, I am happy. Take the flute with you. I will not take my things back.

Now the flute is with the partridge.

LAGARTA E PERDIZ

Lagarta fala com perdiz:
– Perdiz, minha amiga boa, vem cá. Eu tenho palavra boa pra conversar com você. Olha, eu quero arrumar minha companheira; e então eu arrumei uma lobinha. Mas ela não faz direito comigo, então eu tomei minha flauta.

Perdiz responde assim:
– Você me dá a flauta e eu faço direito pra você.

Lagarta responde:
– Tá bom, eu dou. E no dia que tiver fruta você pode tocar esta flauta.

Então lagarta mostrou a música dela que é assim:
– Halo txera coo, halo txeraco... Só na época de fruta: mangaba, pitomba, caju do campo, jabuticaba. Aí eu fico sabendo que a fruta tá madura.

Perdiz fala:
– Eu vou cantar na época de fruta, vou fazer direito.

Lagarta fala
– É, porque a lobinha fez errado, eu bati nela e peguei minha flauta de volta.

Então perdiz leva a flauta pro campo e a lagarta entra no buraco e fica esperando. Já tá na época da fruta e perdiz toca:
– Halo txera coo, halo txeraco...

Lagarta ficou escutando e saiu pra fora procurando fruta porque perdiz tá chamando e já tem fruta.
E saiu procurando as frutas do campo: jambo, jabuticaba...
Achou pitomba e outros frutos e pensou:
– Esse homem faz direito, ele é bom.
E comeu frutos até encher a barriga.
Ficou alegre.

Lagarta fala com perdiz:
– Você é muito bom, vou entregar minha flauta, pode levar. Eu comi frutos, jambo, comi bastante, fiquei alegre. Fique com você. Eu não vou tomar minhas coisas não.

Agora a flauta está com a perdiz.

ANACONDA AND TAPIR

Anaconda was in the lagoon expecting to eat the tapir.
The tapir drives the anaconda into the field, in the middle of the chapada, where it is really dry, and it leaves anaconda there, without water.
Then anaconda screams.

A wraith heard the anaconda and went there where the anaconda was screaming, then the wraith asked:
- What is it?

Anaconda answers:
- I wanted to kill the tapir and it drove me to the fields.

The wraith says:
- You cannot kill the tapir.

Anaconda answered that it wanted to go back to the lagoon.
Anaconda asked the wraith to drive it there, because it was skinny and suffering.
The wraith agreed, but said he would not kill the tapir.
The wraith carried anaconda and said that the lagoon was near because there was ten buritis around; a sign of the presence of water.

The anaconda was skinny because it passed many days without water.

A SUCURI E A ANTA

Sucuri tava na lagoa querendo comer a anta.
A anta carrega sucuri pro campo no meio do chapadão, seco mesmo, e larga a sucuri lá, sem água.
Daí sucuri gritou.

Uma assombração escutou e foi lá onde a sucuri tava gritando, e perguntou:
– O que foi?

Sucuri respondeu:
– Eu queria matar a anta e ela me carregou pro campo.

A assombração falou:
– Você não pode matar a anta.

Sucuri respondeu que queria voltar pra lagoa.
Pediu pra assombração levar até lá, que ela tava magrinha, sofrendo.
A assombração respondeu que levava, mas não podia matar a anta, não.
A assombração levou sucuri e falou que ali era a lagoa porque tinha uns dez buritis; sinal que tem água.

Sucuri tava muito magrinha porque ficou muitos dias sem água.

ALLIGATOR AND GECKO

A man has a daughter.
The alligator marries his daughter.
Then, this daughter, a woman, said:
- I will go with you and when you kill any animal we eat and come back.
- No. I will kill an animal and bring it to you. You stay home with your father, otherwise you may hurt yourself in the bush and your father will reproach me – said the alligator.

The alligator left the woman and went out.
The father was a bush lizard, a gecko.
The young woman stayed and the father followed the alligator to see what he was going to do.
The alligator arrived on the riverside and cut off a bite of his own flesh to take to the woman, instead of killing an animal.

Then, the father, who was a gecko, saw him cutting off his own flesh.
The alligator was crying because it was hurting and he put leaves in the wound.
The father shouted:
- Do you cut your flesh and take it to my daughter, instead of killing an animal?!

The alligator was startled and fell into the water.
Thus alligator, who was people, turned into alligator that lives under the water.

Gecko says to his daughter:
- You do not need a husband anymore. We are going to live in the bush.

And up to now they live in the bush, the geckos.

JACARÉ E LAGARTIXA

Um homem tem uma filha.
Jacaré casa com a filha.
Aí, esta filha, mulher, falou:
– Eu vou com você e quando matar qualquer bicho nós vamos comer e voltar.
– Não. Eu mato o bicho e trago pra você. Você fica em casa com seu pai, senão você machuca no mato e seu pai briga comigo - disse o jacaré.

Jacaré deixou mulher e foi seguindo.
O pai era calango do mato, lagartixa.
A moça ficou e o pai foi atrás pra olhar o que o jacaré ia fazer.
O jacaré chegou na beira do rio e tirou a própria carne pra levar pra mulher, em vez de matar bicho.

Daí, o pai, que era lagartixa, viu ele tirando a própria carne.
O jacaré chorava porque estava doendo e colocava folha no lugar.
O pai gritou:
– Você tira a carne e leva pra minha filha, em vez de matar bicho?!

Daí jacaré assustou e caiu na água.
Daí jacaré, gente que era, virou jacaré que fica no fundo da água.

Lagartixa diz pra filha:
– Não precisa mais marido. Nós vamos viver no mato.

E até hoje em dia vivem no mato, as lagartixas.

CURURU'S HEAD

Married man has wife.
- We are going to hunt in the fields. Fill the xiri up. Let's go hunting in the fields.

They found a cururu (cururu is a mouse bigger than a mouse).
They both killed four cururus.
- Let's cook two cururus for us – he told his wife.

They went.
They made a fire and cooked two cururus.
Two are in the xiri.

After cooking the cururu, boiling in the pan, the husband ate just the cururu's head and did not give his wife.

The woman asked:
- Give me this cururu's head.
The husband does not want to give even a bite of the cururu's head to his wife.

She has aloquessu (piece of wood).
She makes a hole in the earth to get into it.
The husband does not notice.

She is making the hole hidden under her seat.
When she was buried up to her waist, digging with the little piece of wood, he noticed.
He told her to get out.

She did not.
She went into the hole more and more.
It is up to her shoulders.
She went into it even more.
Just her hair was out.

He pulled, but she got into the hole and went to live deep in the earth.
He waited, went back there, dug the earth and did not find her… just cururu.
On the other day he went back and also found just the cururu in the hole.

She never came back.

CABEÇA DE CURURU

Rapaz casado tem mulher.
– Nós vamos caçar no campo. Pode carregar bem o xiri. Vamos pro campo caçar.

Acharam um cururu (cururu é um rato maior que um rato).
Os dois mataram quatro cururus.
– Vamos cozinhar dois cururus pra nós - ele falou pra mulher dele.

Eles foram.
Fez fogo e cozinhou dois.
Dois estão no xiri.

Depois de cozinhar cururu, fervendo na panela, o marido comeu só a cabeça do cururu, e não deu pra mulher dele.

Mulher pediu:
– Me dá essa cabeça de cururu.
O marido não quer dar nenhum pedaço da cabeça do cururu pra mulher.

Ela tem aloquessu (pedaço de madeira).
Ela faz buraco na terra pra entrar dentro.
O marido não percebe.

Ela faz escondido, embaixo dela que estava sentada.
Quando ela estava enterrada pela cintura, cavucando com o pauzinho lá dentro, ele percebeu. Mandou ela sair.

Ela não saiu.
Foi entrando cada vez mais.
Aí ela entra até o ombro.
Depois entrou mais.
Ficou só o cabelo.

Ele puxou, mas ela entrou e foi viver no fundo da terra.
Ele esperou, e voltou, e cavucou a terra no buraco e não encontrou ela...
... só cururu.
No outro dia ele voltou e também só encontrou no buraco o cururu.

Ela nunca mais voltou.

THE TREE FROG AND THE CRITTER

A married man has two children.
He went hunting in the bush.
He found a nine-banded armadillo's hole:
- Eh, woman, we found a nine-banded armadillo's hole. Let's kill it.

He made a big hole, enough so that he could fit inside, because he wants to find the nine-banded armadillo. The man goes deep inside and the woman and the two children stay waiting outside. After half an hour the woman looks inside the hole where the man is and thinks her husband became a wraith.

He became ugly and there inside the hole his eyes were gleaming.
She got scared with him… eyes with light.
She ran off with the children.

Then she says:
- Walk away with your brother and pinch him so that he cries.
He took his brother and pinched him.
He cried to deceive the husband.

Mother said:
- Why are you pinching your brother?
And she went after them.
She took the children.
All of them ran off.

I think that about ten kilometers away she found a tree frog that lives in the hole of the tree.
- Oh, oh, oh, oh, oh.
- Hey critter, we are running off and you live in the hole of the tree?! I thought it was tough. I am afraid.

The lively tree frog says:
- Hey, I am a person too! Why are you cursing me? What happened? Come here. Come into my house.

She entered the tree frog's house.

A PERERECA E O BICHO

Homem casado tem dois filhos.
Foi caçar no mato.
Acha buraco de tatu-liso:
– Eh, mulher, achamos buraco de tatu-liso. Vamos matar.

Faz um buraco bem grande, até homem caber dentro, porque quer achar tatu-liso. O homem fica bem fundo e a mulher e os dois filhos ficam fora esperando. Depois de meia hora a mulher olha pra dentro onde tá o homem e acha que o marido virou assombração.

Ele ficou feio, e lá dentro os olhos ficam iluminando.
Ela assusta com ele... olhos com luz.
Ela fugiu com crianças.

Então ela diz:
– Anda com irmão pra longe e belisca ele pra ele chorar.
Ele levou irmão e beliscou.
Ele chorou pra enganar marido.

Mãe falou:
– Por que tá beliscando irmão?
E foi atrás.
Levou os filhos.
Fugiram os três.

Acho que uns dez quilômetros achou perereca que fica no oco do pau.
– Oh, Oh, Oh, Oh, Oh
– Ô bicho, nós estamos fugindo e você fica no oco do pau!? Eu pensei que era duro. Eu tenho medo.

Perereca serelepe fala assim:
– Ai, eu sou gente também! Por que tá xingando comigo? Que foi? Vem pra cá. Entra na minha casa.

Ela entrou na casa da perereca.

- What happened woman?
- My husband was digging a hole in the nine-banded armadillo's house and he became a critter and I got angry with him. But now you are kind to me.

The tree frog said:
- Alright. I am your grandmother.
The tree frog put the two kids inside a big bowl and covered with a fan and put the mother somewhere else, all of them hidden.

The tree frog keeps the sword, waiting the critter to kill him. The critter was coming, screaming, till he got near the tree frog's house and heard the tree frog: "Oh, oh, oh, oh, oh".

The critter says:
- You are hiding my kids. Their trail is here.
The tree frog deceived him to kill him:
- Come here so that you see.

The critter goes in.
He puts his head inside the tree frog's house.
- Do you see? There is nothing. You ate them yourself.

The critter thinks it is true and goes almost inside.
And the tree frog raises its arms to kill.
When he gets in, the tree frog kills him.
He had brought the nine-banded armadillo under his arm and left it at the door.

The tree frog opened to the woman and the kids:
- You can come out now. I have already killed him.

The tree frog says:
- Let's eat the critter and the nine-banded armadillo.

The woman says:
- No, I do not want the critter. Only the nine-banded armadillo.

The critter and the nine-banded armadillo were eaten with corn.

– Que que foi mulher?
– Acontece que meu marido tava cavando buraco na casa do tatu-liso e ele virou bicho e eu fiquei brava com ele. Mas agora você é bom comigo.

A perereca fala:
– Tá bom. Eu sou avó de vocês.
Pôs os dois filhos numa cuia grande e tampou com abano, e a mãe num outro canto, escondidos.

A perereca fica com espada, esperando o bicho pra matar ele. Bicho veio gritando até chegar na casa da perereca e ouve a perereca:
– Oh, Oh, Oh, Oh, Oh.

O bicho fala:
– Você tá escondendo meus filhos. O rastro deles tá aqui.
Ela enganou pra matar:
– Vem aqui pra ver.

O bicho entra.
Entra até no pescoço na casa da perereca.
– Tá vendo? Não tem nada. Você mesmo comeu eles.

O bicho pensa que é verdade e entra quase dentro.
E a perereca com o braço levantado pra matar.
Quando ele entra, a perereca mata ele.
Ele tinha trazido o tatu-liso embaixo do braço e deixou na porta.

A perereca abriu pra mulher e as crianças:
– Podem sair. Eu já matei.

Perereca fala:
– Vamos comer o bicho e o tatu-liso.

Mulher fala:
– Não quero o bicho, não. Só tatu-liso.

O bicho e o tatu-liso foram comidos com milho.

TWO WOMEN AND THE WRAITH

The wraith was coming.
It found two women with a pig's head in their hands.
They gave it to the wraith to eat.
They are wanintesu's women.

The wraith spat inside the pig's mouth, instead of eating.
It went away and said:
- I am going home to get some tobacco and earth. Do not touch the pig's head.

The wraith went to get the tobacco and then came back and shared it with everybody, so they would die.
Just the two women are left.
The husbands were there, in another village.
The women did not die; they were waiting for their husband.

The wraith gathered the people together, carried everybody and left the flesh at its house.
The women wait for their husband to kill the wraith.
The wraith is coming back.

They keep waiting.
The husbands come.
The women tell them:
- The wraith attacked us all. We were alone waiting for you.
They are wanintesu, those who from old know everything.
One of them says:
- I am going to die, but I will not die. I will die with my sword, I will get thin. When the wraith comes, you tell it that one xiri was left and it is there in the middle. You hide me there with the sword.

They carry the xiri full with the flesh of the dead and put him on it.
The wraith suspected the women were lying.
It noticed that it had not killed that last one.
The wraith thought:
- I will place my hand on his heart.

DUAS MULHERES E A ASSOMBRAÇÃO

A assombração vinha pra cá.
Encontra duas mulheres com cabeça de porco na mão.
Entregam pra assombração comer.
Elas são mulheres de wanintesu.

A assombração cuspiu dentro da boca do porco, em vez de comer.
Foi embora e falou:
– Vou buscar fumo e terra lá em casa. Não mexe em cabeça de porco.

A assombração foi buscar o fumo e depois voltou e repartiu o fumo pra toda gente, pra eles morrerem.
Ficam as duas mulheres somente.
Os maridos estavam lá, na outra aldeia.
Elas não morreram, ficaram esperando marido.

A assombração juntou toda a gente, carregou o pessoal e deixou a carne na casa dela.
As mulheres esperam marido pra matar essa assombração.
A assombração tá voltando.

Elas continuam a esperar.
Os maridos chegam.
Elas contam:
– A assombração atacou nós todos. Ficamos sozinhas esperando vocês.

Eles são wanintesu, aqueles que de antigamente sabem tudo.
Um deles fala:
– Eu vou morrer, mas não vou morrer não. Eu vou morrer com a minha espada, vou ficar magro. Quando a assombração vem, vocês falam pra ela que faltou um xiri que tá lá no meio. Vocês me escondem lá com a espada atrás.

Elas carregam o xiri com a carne dos mortos e colocam ele por cima.
A assombração desconfiou que elas estavam mentindo.
Ela percebeu que não tinha matado aquele último.
A assombração pensou:
– Eu vou pôr a mão no coração dele.

The women say:
- No, it is not true! You forgot one.
They carry the xiri with the husband on it.
He was already prepared with the sword.
He cut out the wraith's head and it died.
He crushed it all.

After this the wanintesu told his wife:
- How long since the wraith came? Too long?
- No, she came not long ago.
- I will go there to see the dead people.

He went with the sword and found there a big house.
Many wraiths!
Very big house! About thirty, seventy!
Children, women wraith.

The wanintesu hears:
- Let's light the fire, my husband brought enough flesh. It has even alive ones.

The wanintesu thinks:
- Will I go with the sword or not? No, I will go with a thunderbolt to break everything down.
He went up like a bird, paralaparalaparalalalalala and… destroyed everything.

And after, the ones who did not die completely, who ran to the yard, he used the sword till he finished them.
He came back, unhurt.

- That is the way with me. If I had been home I would have already done that. Why did you not do it? – the husband said to the women.

They were dull because the wraith came to eat them.
If wanintesu were there nobody would die.
But he was out.

Elas falam:
– Não, não é verdade! O senhor esqueceu um.
Elas carregam o xiri com o marido em cima.
Ele já tava preparado com a espada.
Cortou a cabeça da assombração e ela morreu.
Esmagou tudo.

Depois disso o wanintesu falou pra mulher dele:
– Quanto tempo faz que ela veio? Faz tempo?
– Não, ela veio cedo.
– Eu vou lá ver a gente morta.

Ele foi com a espada e achou casa grande, lá.
Muita assombração!
Casa grande mesmo! De trinta a setenta mesmo!
Crianças, mulheres de assombração.

O wanintesu fica ouvindo:
– Vamos acender o fogo, tem bastante carne que meu marido trouxe. Tem vivo até.

O wanintesu fica pensando:
– Será que eu vou com a espada ou não? Não, eu vou com um raio pra arrebentar tudo.
Ele subiu que nem passarinho, paralaparalaparalalalala e.... arrebentou tudo.

E depois, os que não morreram bem, que correram no terreiro, ele foi com a espada até acabar.
Ele voltou, sem acontecer nada.

– Comigo é assim mesmo. Se eu tivesse em casa já tinha feito isso antes. Porque não fizeram isso? – o marido fala para as mulheres.

Elas ficaram bobas porque a assombração veio comer todos eles.
Se o wanintesu tivesse lá não morria ninguém.
É que ele saiu.

WALULU

Wanintesu went hunting.
He left home his wife and son.
On the way he found manduri honey (manduri is a bee similar to the European honey bee).
He took an axe, cut and put it down.

After that, the tree on the ground, he started to pierce the honey hole.
He found honey.
He pierced another hole… he found honey.
Another hole… he found honey.
He found so much, so much, so much honey… quite a lot of honey!

Then, after cutting, he took a bowl and filled it with manduri honey.
He took so much honey!
He filled three big bowls!

He met a fellow:
- Did you collect honey?
- I collected a lot of it.
- Will you give some? I am really hungry and thirsty.
- Here there is no water. I will get a bowl of water.
He was a wanintesu too.
He drank, then he put honey in the water and both of them drank.

The honey owner heard a noise:
- It sounds like a pig. I will check it out!
He went.
He did not find anything and came back where the honey was.
He heard it again.
He went there to find who was making the big noise.
He went back there and saw so many pigs… so many, so many, so many… that he thought it was quite a lot.
He looked around and came back where the honey is.
He told his fellow:
- Did you hear? Go there and give a look!

WALULU

Wanintesu foi caçar.
Deixou mulher e filho em casa.
No caminho achou mel de manduri (abelha igual europa).
Pegou machado, cortou, derrubou.

Depois, árvore no chão, começou a furar buraco de mel.
Achou mel.
Furou outro buraco... achou mel.
Outro buraco... achou mel.
Vai achando tanto, tanto, tanto mel... bastante!

Daí, depois de cortar, pegou a cuia, encheu de mel de manduri.
Tirou tanto!
Três cuias grandes encheu!

Um companheiro encontrou ele:
– O senhor cortou mel?
– Cortei bastante.
– O senhor me dá mel? Eu estou com muita fome e com sede.
– Aqui não tem água. Vou buscar cabaça de água.
Era wanintesu também.
Bebeu, pôs mel na água e os dois beberam.

O dono do mel escutou barulho:
– Parece barulho de porco. Vou lá!
Ele foi.
Não achou nada e voltou onde estava o mel.
Escutou outra vez.
Foi lá pra achar quem fazia o barulhão.
Voltou outra vez e viu tanto porco... tanto, tanto, tanto... que ele achou muito, muito.
Olhou e voltou no mesmo lugar onde tá o mel.
Falou pra companheiro:
– Você escutou? Olha lá! Vai ver!

The honey owner went away.
He brought honey to his wife and his son.
At the evening, he came home.
After drinking a xixa of honey (him, his wife and son), he went to take his fellow.
The woman said:
- What is he going to do?
Because he said nothing to his wife about meeting a friend.

He went to gather more people to kill, in order to help killing the critter that was making the big noise.
The honey owner is alive, but the group he found was dead people bodies. Very wise ones.
That is why he wanted them to help him.

He was happy because he could gather more than a hundred fellows to help him.
His fellows are wiser than the honey owner to see the critter they are going to kill.
- We drink honey in order to have the courage to kill the critter.
- Prepare to go there. Drink honey. Now we go.

The fellow told his wife:
- Do not cry for us. At night, when we find another group, it will appear a lightning. It is a sign that we met another group. If the lighting does not appear it is a sign that we did not met another group.

At night there was a lightning.
The woman got scared, but she remembered what her husband said and became calm, because he had already explained. It meant they met another group.
Such a big noise!
There were lightnings the whole night.
They met a lot of people.

The other day, these people come crying out:
- Let's see!
They came and started; they took a sword and went to see the river.

The honey owner looks like a chief, he says:
- Take a sword. It is high time.

O dono do mel foi embora.
Levou mel pra mulher e a criança.
Até escurecer, chegou em casa.
Depois que tomou xixa de mel (ele, a mulher e o filho), foi buscar companheiro.
A mulher falou:
– Que será que ele vai fazer?
Por que ele não falou nada pra mulher que encontrou companheiro.

Foi buscar mais gente pra matar, pra ajudar a matar o bicho que fazia barulhão.
O dono do mel é vivo, mas a turma que ele achou são corpo de gente que morreu. Muito sabidos.
Por isso, ele queria que essa turma ajudasse ele.

Ficou contente porque ajuntou mais de cem companheiros pra ajudar ele.
Companheiros são mais sabidos que o dono do mel pra enxergar bicho que eles vão matar.
– A gente bebe mel pra ter coragem de matar bicho.
– Prepara pra ir lá. Bebe mel. Agora nós vamos.

O companheiro falou pra mulher:
– Não vai chorar por nós, não. À noite, quando achar outra turma, vai relampejar. Isto é sinal que encontramos outra turma. Se não relampejar é sinal que não achou outra turma.

À noite relampejou.
A mulher ficou com medo, mas lembrou o que o marido disse e ficou calma, porque ele já explicou. Quer dizer que achou a turma.
Tanto barulhão!
Relampejou a noite inteira.
Encontrou muita gente.

De dia, essa gente vem gritando:
– Vamos ver!
Chegaram e começaram. Pegaram a espada e vieram ver o rio.

O dono do mel parece chefe, fala:
– Vamos pegando espada aí. Já tá na hora.

They took a sword.
The big tree, with a very big root, fell.
And the critter fell too.
They got hold of the root with a sword to raise the tree from the river.
This tree is no joke!
It is huge!... very big!... really big!!!
They raised the tree from the river and saw the critter:

walulu!.

It appeared into the deep water, after they raised the tree that was covering him.
A very big critter!
Then they began to attack it with the sword.
They pierced its back to kill it.
Then the critter died.

The enormous river, from the whole world, dried up too and raised the tree.
After the river was dry, it began to appear these bushes, the cerrado.

(Cannot you see it looks like riverbed?)

After the river dried up, the clouds remained up there and the earth here.

If they do not come, nobody lives. The river would not dry up.

Aí começaram a pegar espada.
A árvore bem grande, de raiz grande, caiu.
E o bicho caiu.
Afirmaram a raiz com a espada pra levantar árvore do rio.
Essa árvore não é brincadeira não!
É enorme!... muito grande!... grande mesmo!!!
Já levantaram árvore do rio e viram o bicho:

walulu!

Apareceu no fundo da água, depois de levantar árvore que tava tapando.
Bicho muito grande!
Aí começaram a tacar espada em cima do bicho.
Fincaram na corcunda dele pra morrer.
Aí o bicho morreu.

O rio enorme, do mundo inteiro, também secou e levantou árvore.
Depois de seco, foi criando este matinho, o cerrado.

(Você não tá vendo que parece fundo do rio?)

Depois que secou, a nuvem ficou lá e a terra aqui.

Se eles não vêm, ninguém vive. O rio não secava.

THE POT-BELLIED OWNER

An Indian gathered some buritis and left them there, to ripen.
Then he came back to take the buritis.
He found the place, but he just found the seeds.
Someone had eaten the fruits.
Again he gathered some buritis.
Again someone ate.
He gathered once more.
When he came back, he found the eater eating the buriti nut.

Then he said:
- You ate the buriti!
The other did not answer. He kept eating.
The eater had a beiju and the man asked him a bite.
The eater did not want to give him a big bite.

Then the man said:
- I will break you and this big belly of yours will open.
Then he broke the eater and the eater died.

The chief missed him.
He went searching for the pot-bellied one.
He found him dead, his belly broken.
Then he went to talk with his brother-in-law, the one who killed the pot-bellied.

He said:
- I want to kill you.
He cannot do it because they are brothers-in-law.

O DONO DO BARRIGUDO

Então o índio derrubou o buriti e deixou lá, pra amadurecer.
Daí voltou pra buscar o buriti.
Encontrou o lugar, mas só encontrou a semente.
Tinham comido toda a fruta.
Outra vez ele cortou o buriti.
Novamente comeram.
Cortou outra vez.
Quando ele voltou, encontrou o comedor comendo o coco buriti.

Então falou:
– Foi você que comeu o buriti!
O outro não respondeu. Continuou comendo.
O comedor tinha um beiju e o homem pediu pra ele um pedaço.
O comedor não quis dar um pedaço grande.

Então, disse:
– Eu vou te quebrar e essa barriga grande vai se abrir.
Daí ele quebrou o comedor e o comedor morreu.

O chefe sentiu falta.
Veio procurando o barrigudo.
Achou ele morto, com a barriga arrebentada.
Então ele foi falar com o cunhado, o que matou o barrigudo.

Disse:
– Eu tenho vontade de te matar.
Não pode porque os dois são cunhados.

The chief prepared a trap.
He put a fishing net as a trap.
He thought:
- You are going to die!
His brother-in-law thought:
- I am going to die!

Then the brother-in-law went to the fishing net and stayed there…
very thin…
with his eyes full of bees…
With a hole on his face, on his neck…
but he was not dead.

Then the chief came, the pot-bellied owner, and said he'd better die because he was a shameless man.
But he had had a lot of children with the chief's sister.
Then the chief found this stick interesting.

The man thought:
- Come closer, come very close!
When the chief came, he pissed straight on the chief's face and he was burned.
While his eyes were burning, the man escaped.
Neither of them died.

O chefe preparou uma armadilha.
Colocou uma tarrafa pra pegar peixes como armadilha.
Ele pensava:
– Você vai morrer!
O cunhado pensava:
– Eu vou morrer!

Então o cunhado subiu na tarrafa e ficou lá...
bem magro...
... com os olhos cheios de abelha...
... com buraco na cara, no pescoço...
... mas não tava morto.

Daí o chefe veio, o dono do barrigudo, e disse que era bom que ele morria porque ele era sem-vergonha.
Mas ele já tinha feito muito filho na irmã dele.
Então o chefe achou este pau interessante.

O homem pensava:
– Chega bem pertinho, chega bem pertinho!
Quando o chefe chegou, ele deu um mijo bem forte na cara dele e ele se queimou todo.
Enquanto o olho ardia, o homem fugiu.
Nenhum dos dois morreu.

PASSOS DE APRENDIZ

STEPS OF APPRENTICE

A Nambikwara chant

My eyes lost the place
They settled on the navel
Look deep inside,
Into feminine entrails
They communicate with Earth
Meet friends, sisters
Given birth by this womb
As in commotion.

In this geological time
My throat is open
Throw up a new meaning
Of death, life, pleasure.
The tongue hangs out
Stretched
Stretched
Almost touch the labyrinth
Licking the new moment
The hands want to grasp.
And they grasp indeed, this roar
That comes growling and low.
The animal approaches me
And the skies I touch from here.
The movements are firm
Thicker, the pulsating blood
Harder to feel
Full in its living
It thickens, on Earth manifesting itself
So that from here and there it joins the dust.

um canto Nambiquara

Meus olhos se deslocaram
se fixaram no umbigo
olham pra dentro pro-fundo
pras entranhas femininas
se comunicam com a Terra
encontram amigas e irmãs
paridas por este ventre
em forma de comoção.

Neste tempo geológico
minha garganta se abre
vomita um novo sentido
de morte, de vida, prazer.
A língua fica de fora
estirada
esticada
quase toca o labirinto
rompendo um novo momento
que as mãos querem agarrar.
Agarram mesmo, esse urro
que salta roncando e grave.

O bicho de mim se aproxima
e os céus eu toco daqui.
Os movimentos são firmes
mais grosso o sangue que pulsa
mais duro de se sentir
mais pleno no seu viver
se adensa, se plasma à Terra
pra daquidaí juntar-se ao pó.

I hear flutes that amplify
The breathing of the species,
Sometimes they seem to be angry
Even yelling,
Other sounds rising up already
From the child and the woman.

Some steps are so flat
That from the ground they dont depart
They drag themselves manfully
Leaving a pronounced track
Extracting from the Earth's center
The gravity of the Self.

Now the women go lightly
By leaps and bounds, complaining
Spreading their hands
Throughout the Universe
Herding a thousand fluids
From the air that fills the Self.

The apprentice children
Try some steps with smiles
And show to all the gods
Their fathers
Their mothers
Going hither and thither.

Ouço flautas que amplificam
o respirar da espécie,
às vezes se mostram raivosas,
esbravejantes até,
outros sons já se elevando
da criança e da mulher.

Alguns passos são tão espalmados
que do solo não se afastam
se arrastam masculamente
deixando um rastro marcado
a arrancar do centro da Terra
a gravidade do Ser.

Já as mulheres vão leve
aos pulinhos lamentando
espalhando suas mãos
pelo Universo afora
a arrebanhar mil fluídos
do ar que preenche o Ser.

As crianças aprendizes
ensaiam passos com risos
e mostram pra todos os Deuses
seus pais
suas mães
indo daqui prali.
Indo daqui prali.

Works consulted

CARELLI, Vincent e SEVERIANO, Milton. Mão Branca contra o Povo Cinza. São Paulo: Brasil Debates, s/d.
COSTA, Anna Maria R.F.M. Hatisu Nambiquara Lembranças que viraram histórias. Cuiabá: Tanta Tinta Editora, 2005.
HOLANDA PEREIRA, Pe. Adalberto. "Os Espíritos Maus dos Nambikuára /Quinze Lendas dos Rikbáktsa". In Pesquisas, Antropologia, número 25. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1973.
LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
PRICE, David (trad. Lai Boigler). A Sociedade Nambiquara. Chicago, Illinois, 1972/79 (cópia em xerox).
RICARDO, Carlos Alberto (editor). Povos indígenas do Brasil: 1991-1995. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996.
ROQUETTE-PINTO, E. Rondonia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
ISA, Instituto Socioambiental. Disponível em <www.socioambiental.org>. Acesso em 04/03/2013.

Obras consultadas

CARELLI, Vincent e SEVERIANO, Milton. Mão Branca contra o Povo Cinza. São Paulo: Brasil Debates, s/d.
COSTA, Anna Maria R.F.M. Hatisu Nambiquara Lembranças que viraram histórias. Cuiabá: Tanta Tinta Editora, 2005.
HOLANDA PEREIRA, Pe. Adalberto. "Os Espíritos Maus dos Nambikuára /Quinze Lendas dos Rikbáktsa". In Pesquisas, Antropologia, número 25. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1973.
LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
PRICE, David (trad. Lai Boigler). A Sociedade Nambiquara. Chicago, Illinois, 1972/79 (cópia em xerox).
RICARDO, Carlos Alberto (editor). Povos indígenas do Brasil: 1991-1995. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996.
ROQUETTE-PINTO, E. Rondonia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
ISA, Instituto Socioambiental. Disponível em <www.socioambiental.org>. Acesso em 04/03/2013.